

## O CAMINHO DA LUTA PARA OS TRABALHADORES DO CAMPO

As forças democráticas e progressistas devem extrair lições da derrota sofrida na Câmara pelo projeto que estendia aos trabalhadores do campo certos dispositivos da legislação do trabalho.

Os 106 votos contrários ao projeto, que foi sufragado por apenas 62 deputados, puseram a nu com grande clareza a essência de classe do parlamento e dos partidos que nele dominam. «Na Câmara — confessou o líder do PTB — existem cem deputados fazendeiros, estancieiros, etc., não havendo força capaz de contê-los». Uniram-se assim os elementos mais reacionários no chamado «bloco ruralista», impondo sua vontade na defesa dos privilégios injustos dos senhores da terra.

Deve-se acentuar que o projeto rejeitado não estabelecia modificações fundamentais nas relações de propriedade ou de trabalho, limitando-se a assegurar aos trabalhadores agrícolas direitos como a jornada de 8 horas, salário-mínimo, repouso semanal remunerado, férias pagas, remuneração do trabalho noturno, aviso prévio, indenização por despedida sem justa causa, e outros. São direitos de há muito conquistados pelos trabalhadores das cidades, e que viriam somente aliviar a situação de duras privações em que vegetam milhões de trabalhadores das fazendas. Ao rechassar estas concessões mínimas, as forças retrógradas mostraram sua disposição de manter intangível o brutal regime de exploração que se fundamenta no monopólio da terra e constitui um dos maiores entraves ao desenvolvimento do país.

Serviu ainda a derrota do projeto para caracterizar com maior nitidez o conteúdo de classe da política do governo Kubitschek, que expressa no fundamental os interesses das forças reacionárias, embora seja obrigado por vezes a ceder às forças populares e ao setor nacionalista existente no próprio governo. Não obstante o compromisso eleitoral firmado com o PTB para aprovação do projeto, o Presidente da República e os dirigentes do PSD manobram para facilitar a vitória dos latifundiários, negando-se o líder do partido governamental, com a cumplicidade do líder do PTB, a defender na Câmara a extensão das leis trabalhistas aos homens do campo.

Uma das causas principais da rejeição do projeto foi a inexistência de um forte movimento de massas dos trabalhadores agrícolas, em sua maioria ainda dispersos e desorganizados. As massas exploradas do campo não resta outro caminho senão aquele que já vêm trilhando com êxito os trabalhadores das cidades: unir-se em suas organizações de classe e lutar por seus direitos, confiando em suas próprias forças e sem alimentar ilusões quanto às dádivas oficiais.

Os comunistas têm um papel destacado a cumprir nesse trabalho de mobilização e organização dos trabalhadores rurais e camponeses. Ao desempenhá-lo, é necessário que levem em conta os ensinamentos da própria vida. A experiência de muitos anos indica que não poucos erros foram cometidos nesse terreno, sobretudo erros aventuristas e sectários, que entravaram o crescimento das lutas camponesas. Não é possível inciar amplos movimentos de massa no campo sob a bandeira de palavras-de-ordem gerais ou demasiado avançadas para o nível de compreensão das massas. Devem ser levantadas reivindicações e palavras-de-ordem que expressem os desejos das massas e facilitem seu desportar para a luta.

Os assalariados rurais podem e devem ser organizados nos sindicatos agrícolas — aproveitando-se para isso todas as franquias legais existentes — em torno de questões como a extensão da legislação trabalhista ao campo, a aplicação efetiva do salário-mínimo, melhores salários e contratos de trabalho. Os camponeses lutarão pela baixa dos arrendamentos, contra os despejos, pela prorrogação dos contratos e por outras reivindicações específicas. No decurso dessas lutas é necessário exigir medidas que abram caminho para uma reforma agrária, que facilitem a entrega de lotes de terra em propriedade privada aos camponeses.

A criação de poderosos sindicatos rurais, de amplas associações de lavradores, influirá decisivamente para que os trabalhadores do campo obtenham melhores condições de vida e trabalho, conquistem os direitos agora sonhados e, ganhando confiança em suas próprias forças, lutem com maior vigor por uma reforma agrária radical que entregue as terras àqueles que a cultivam.

# VOZ OPERÁRIA

Nº 422 ★ RIO DE JANEIRO ★ 6 DE JULHO DE 1957



## “SÔBRE O TRATAMENTO CORRETO DAS CONTRADIÇÕES NO SEIO DO POVO”

(TEXTO INTEGRAL DO INFORME DE MAO TSE-TUNG, NA QUARTA PÁGINA)

- ★ DOIS DIFERENTES TIPOS DE CONTRADIÇÕES E COMO RESOLVÊ-LAS
- ★ «DEIXAR DESABROCHAR CEM FLÔRES E DEIXAR CONTENDER CEM ESCOLAS DE PENSAMENTO»
- ★ A SITUAÇÃO DOS INDUSTRIAIS E HOMENS DE NEGÓCIOS NA CHINA

# O Novo Colonialismo E a Defesa da Paz

## TRECHOS DO DISCURSO DE KUO MO JO, PRESIDENTE DA DELEGAÇÃO CHINESA À REUNIÃO DE COLOMBO

Transcrevemos a seguir alguns trechos do discurso pronunciado durante a sessão inaugural da reunião de Colombo do Conselho Mundial da Paz pelo sr. Kuo Mo Jo, presidente da delegação chinesa. O sr. Kuo Mo Jo, escritor de renome, é presidente da Academia Chinesa e da Federação Pan-chinesa de Literatura e Arte, e vice-presidente do Comitê Permanente do Congresso Nacional do Povo Chinês.

— O fato de que o Conselho Mundial da Paz se reúna pela primeira vez, desde sua fundação há oito anos, na Ásia, em Colombo, a esplêndida capital do Ceilão, reveste-se de significação histórica. Foi em Colombo que nasceu o espírito de Bandung, concebido de fato por ocasião da Conferência das Cinco Nações. Esse espírito veio reforçar os Pancha-Shila (cinco princípios).

— Nós os chineses temos a honra de figurar entre os promotores dos Pancha-Shila, e nunca deixamos de respeitar esses princípios em nossas relações com as outras nações.

... Não devemos nos erigir aqui em juizes, mas devemos distinguir claramente entre o bem e o mal. Seria um erro não fazer essa distinção, e isso, longe de ajudar à defesa da paz, serviria apenas para aumentar a insolência das forças da guerra.

Todos os que amam a paz, venham eles da União Soviética, da Grã-Bretanha, dos Estados Unidos, e de outros países, são nossos amigos. Mas, se fizermos críticas à má política de certos países, ser-nos-á impossível impulsionar a opinião pública mundial em favor da paz.

Consideramos que a política externa do governo dos Estados Unidos não conduz à paz. O governo dos Estados Unidos estabeleceu bases militares, bases de projéteis teleguiados, sobre territórios estrangeiros. Esse governo interveio arbitrariamente nos assuntos internos de outros países, e executa uma política monopolista. Mantém embargos comerciais contra outros países, e levanta barreiras aos intercâmbios culturais. Aumenta a tensão internacional. Tudo isso tem como objetivo assegurar lucros aos monopólios pela produção de armas.

A pretexto de "ajuda", o governo norte-americano oferece dólares que submetem os países, política e militarmente. Pouco a pouco os Estados Unidos reduzem assim a

soberania e a independência das outras nações.

Essa política de novo colonialismo, praticada pelos Estados Unidos, substitui rapidamente o antigo colonialismo. Penso que os numerosos amigos da França e da Inglaterra, aqui presentes, sentem isso de modo ainda mais agudo que eu.

Permiti-me declarar mais uma vez que não somos contra os Estados Unidos. Somos somente contra a política do governo dos Estados Unidos. Quando dizemos que nos opomos à doutrina Eisenhower, isso não significa que somos contra o Presidente Eisenhower, pessoalmente. Ao que parece, o sr. Eisenhower é um homem bastante respeitável, mas é também um fato que o novo colonialismo, que traz o seu nome, não tem o menor direito ao nosso respeito.

Nós chineses possuímos uma rica experiência sobre o que significa a chamada "política de benevolência e amizade" do governo dos Estados Unidos. Ainda não se completaram oito anos que o governo dos Estados Unidos apoiava Chiang Kai Chek com todas as suas forças, para destruir o povo chinês, no curso de uma guerra civil lançada ao fim de uma longa guerra contra os agressores japoneses. Com isso visava, é claro, transformar a China em colônia norte-americana. Que decepção para o governo dos Estados Unidos: essa política só teve como resultado transformar Chang Kai Chek em chefe de um serviço de transportes que entregava enormes quantidades de material bélico americano ao exército de libertação do povo da China.

No momento atual, os Estados Unidos apoiam ainda Chang Kai Chek e ocupam o nosso território de Taiwan (Formosa). Seguindo os termos de Mr. Dulles e de seus colegas, eles realizam uma "ajuda" à "China Livre". Mas de que natureza é essa suposta "ajuda"? E que significa essa suposta "liberdade"? Não preciso procurar as palavras. Nossos compatriotas de Taiwan já responderam claramente, fazendo explodir, a 24 de maio último, sua cólera contra os norte-americanos que estão entre eles.

Os habitantes de Taiwan são chineses. O povo chinês não tolerará ser escravo de nenhum colonialismo. Penso que este sentimento é partilhado pelos povos que despertaram, em todos os países. O tempo do colonialismo passou para sempre. A insurreição contra os invasores norte-americanos em Taiwan provocou aliás reações em cadeia. O protesto

contra a política norte-americana de coerção militar ganhou novas forças. Queríamos dizer a alguns de nossos amigos do Ocidente: "Não vos agarreis às coisas do passado". Somente quando o colonialismo, sob sua antiga ou sob sua nova forma, tiver sido destruído é que poderá existir uma paz duradoura e verdadeira no mundo. E chegaremos a essa paz duradoura e verdadeira, porque a força dos povos é muito maior que a potência atômica".

## VI FESTIVAL MUNDIAL DA JUVENTUDE



PREPARANDO O FESTIVAL. — Os bailados populares típicos das diversas regiões da URSS constituirão motivo de especial interesse do próximo Festival Mundial da Juventude a realizar-se em Moscou



## Primeiro Passo Para O Desarmamento

Telegramas de Londres revelam que está prestes a concretizar-se um acordo entre as potências atômicas, mediante o qual serão imediatamente suspensas, por um período inicial de 10 meses, as experiências com bombas nucleares. Ainda há poucas semanas as mais altas autoridades militares dos Estados Unidos repeliavam essa medida, insistindo assim na recusa constante do comunismo anglo-americano por ocasião da Conferência das Bermudas. Estamos portanto às vésperas de uma espetacular vitória da opinião pública mundial. A suspensão, ainda que provisória, das experiências com armas nucleares, poderá ser o tão longamente esperado «primeiro passo» no caminho do desarmamento e da interdição de todas as armas de destruição em massa. Pela primeira vez operar-se-á uma reversão parcial no perigoso processo de corrida armamentista, que se vem intensificando continuamente desde 1948, apesar da luta dos povos pela paz.

Cabe ao Conselho Mundial da Paz a honra de ter sido a primeira organização, em todo o mundo, a sugerir a suspensão das experiências como objetivo limitado, mas realizável em curto prazo, capaz de fazer sair do impasse em que se encontravam, as negociações relativas ao desarmamento. Em sua reunião de Estocolmo, realizada de 5 a 9 de abril de 1956, o Conselho Mundial da Paz afirmou que «uma medida realizável imediatamente e que pode constituir a base de um acordo, é a cessação das explosões experimentais». «Estas explosões podem ser localizadas de maneira rápida e precisa, e por conseguinte não existe nenhuma dificuldade de controle». «Um tal acordo criaria uma atmosfera de confiança e facilitaria a realização de um acordo ulterior mais completo».

Dois meses após, o Bureau do Conselho Mundial da Paz, em sua sessão de Paris, lançou um apelo aos Governos dos Estados Unidos, da União Soviética e da Grã-Bretanha, clamando-os a que «concluam, sem demora, um acordo que ponha fim a todos os ensaios e explosões experimentais de armas e outros engenhos atômicos». Esse apelo, datado de 26 de junho, usava pela primeira vez, como argumento central, os efeitos da radioatividade do «estrôncio 90», baseando-se em estudos científicos do professor Joliot-Curie e de cientistas britânicos. O governo da União Soviética, logo após a agressão imperialista ao Egito e a tentativa de contra-revolução na Hungria, tomou a iniciativa de propor essa medida, «como primeiro passo», por meio da mensagem dirigida a 17 de novembro pelo Marechal Bulgânin e Eisenhower, Chu En Lai, Eden Mollet e Nehru.

A partir de janeiro do ano corrente a campanha pela cessação das experiências nucleares desenvolveu-se e ampliou-se com extraordinária rapidez, atingindo setores da opinião pública que até então não se haviam manifestado na luta pela paz. Ao lado da atividade desenvolvida pelo movimento mundial dos partidários da paz, surgiram ini-

ciativas de importância excepcional, tomadas por organizações as mais diversas, e por personalidades das mais variadas tendências.

No Japão, por exemplo, a luta contra as armas nucleares, iniciada em 1949 pelo Conselho de Paz Japonês, em meio a intensa hostilidade oficial, atingiu rapidamente uma grande amplitude, principalmente depois dos efeitos da explosão termo-nuclear norte-americana de 1954, no Pacífico. Essa maior amplitude traduziu-se na criação do Conselho Japonês contra as Bombas A e H, que, além de realizar as duas conferências mundiais de Hiroshima (1955) e Nagasaki (1956), atingiu a cifra de 34 milhões de assinaturas (70% da população com direito a voto) em sua grande campanha contra as armas nucleares. Como consequência dessa memorável campanha de massas, a luta pela cessação imediata das experiências nucleares, tomada em suas mãos pelo referido Conselho desde os primeiros meses do ano corrente, tornou-se uma luta nacional de todo o povo japonês, inclusive do governo. E foi um emissário oficial japonês que obteve do Papa Pio XII a declaração que teve tão profunda repercussão nos meios católicos.

Em sua reunião de Berlim, a 2 de abril de 1957, o Bureau do Conselho Mundial da Paz, levando em conta os êxitos já obtidos, e as dificuldades surgidas, lançou um apelo no qual a reivindicação de suspensão imediata das experiências é substituída pelo objetivo, mais limitado mas mais fácil de concretizar-se, de uma «trégua nuclear», isto é, de uma suspensão provisória por um determinado prazo, durante o qual seriam negociados acordos mais avançados. Esse apelo foi retornado com ênfase ainda maior na ampla reunião de Colombo, do Conselho Mundial da Paz. Os fatos demonstram agora que a saída indicada pelo Conselho era a saída justa.

No período decorrido entre a reunião do Bureau em Berlim e a sessão de Colombo, assistimos a pronunciamentos decisivos de outras forças da paz: os 18 cientistas alemães, o apelo de Albert Schweitzer, a declaração do Papa, a corajosa manifestação de milhares de cientistas norte-americanos, para citar apenas alguns dos mais importantes. A campanha contra as armas atômicas, iniciada em plena guerra fria, em 1949, pelo Conselho Mundial da Paz, e consagrada nos 500 milhões de assinaturas obtidas em todo o mundo para o Apelo de Estocolmo, ultrapassou de muito as fronteiras do movimento mundial dos partidários da paz, e é hoje em dia uma campanha de toda a humanidade.

O desejo de paz de todos os povos, o movimento organizado para a defesa da paz, a consequente política pacífica do campo do socialismo, o apoio dos países não socialistas que se vêm batendo pela paz, tornaram possível mais este passo no caminho do alívio de tensão internacional.

## NA ÍNDIA

### O PROGRAMA INDUSTRIAL DO GOVERNO DE KÉRALA NOVOS CAMINHOS INDICADOS PELO GOVERNO COMUNISTA DO GRANDE ESTADO INDIANO

Completando as medidas já tomadas em relação ao problema agrário e ao equilíbrio orçamentário, o governo comunista do Estado indiano de Kérala acaba de elaborar um programa de três pontos para impulsionar o desenvolvimento industrial desse Estado.

Esse programa prevê o reforçamento das empresas governamentais, a ajuda às empresas privadas, e a organização das indústrias domésticas ou de pequenas dimensões em sociedades cooperativas. A verba orçamentária destinada à execução desse programa é de 12 1/2 milhões de rúpias. Além disso, o governo estadual pediu ao governo central que estabeleça em Kérala algumas indústrias pesadas, como a de construção naval.

Mais de um terço dos investimentos previstos destinase à ajuda a indústrias privadas, e já se inicia a construção

de uma fábrica de papel em cooperação com empresas privadas.

Ao lado disso, o governo de Kérala prossegue com vigor na política de proteção aos interesses dos trabalhadores. Embora garantindo ao capital privado lucros razoáveis, o ministério da indústria insiste no fato de que os industriais devem assegurar aos operários condições básicas de conforto.

Toda a Índia está de olhos postos na experiência do governo comunista de Kérala, que, embora cerceado em sua iniciativa pelas limitações de poder de um simples governo estadual, começa a indicar os novos caminhos pelos quais o povo indiano poderá se libertar da espantosa miséria em que ainda vive, apesar da política externa positiva de paz seguida pelo governo central do primeiro ministro Nehru.

## REPULSA À DOCTRINA EISENHOWER NO SUDÃO

A posição anticolonialista da jovem República do Sudão, — a antiga possessão inglesa denominada Sudão Anglo-egípcio, — constitui forte obstáculo a novos avanços da «doutrina Eisenhower» no Próximo e Médio Oriente. Tornase cada vez mais clara a solidariedade do Sudão ao Egito e à Síria, e à luta libertadora do povo da Argélia. Há duas semanas o Ministro do Interior da República do Sudão, sr. Ali Abdel Rahman, que é também o Presidente do Partido Democrático do Povo Sudanês, declarou, em entrevista ao jornal egípcio Al Massa, que a doutrina Eisenhower deve ser rejeitada, e que ele estava certo de que a «ajuda» oferecida por essa doutrina jamais poderia ser incondicional, já que as potências ocidentais nunca dão alguma coisa em troca de nada. Afirmou ainda que o Pacto de Bagdá e o «ponto 4» de Truman são exemplos vivos em apoio a essa sua tese.

Na luta fracionista que realizam contra o Partido Comunista do Brasil, Agildo Barata e o pequeno grupo que o segue apresentam também sua plataforma. Exposta no artigo de Agildo Barata publicado em VOZ OPERÁRIA de 14-4-1957 e nas suas entrevistas à imprensa burguesa, tal plataforma é um conjunto de idéias e teses não proletárias e revela uma posição tipicamente burguesa, contrária aos interesses da classe operária e das massas trabalhadoras.

Tudo esforço de Agildo Barata, em sua já extensa literatura, objetiva desviar o proletariado do caminho de uma política independente e orientá-lo no sentido do reformismo, a submissão à burguesia. Ao mesmo tempo, que, no terreno da organização prega abertamente a liquidação do Partido marxista da classe operária e luta na prática por este objetivo, no domínio da teoria, ataca a essência revolucionária do programa do Partido Comunista do Brasil, que é inteiramente justa. Esse ataque consiste na tentativa de mostrar que é falso o esquema estratégico da revolução brasileira na presente etapa, traçado no programa do P.C.B. Em troca, como sucedâneo, apresenta seu plano de disposição das forças revolucionárias, na qual inclui os latifundiários. Aí se manifesta com toda clareza sua posição nitidamente reformista.

No artigo publicado em VOZ OPERÁRIA, partindo de uma constatação verdadeira, de que em nosso país é mais rápido o avanço da luta antiimperialista em relação ao movimento camponês, que está bastante atrasado, Agildo Barata chegou, subjetivamente, vendo os fenômenos somente na superfície, à conclusão de que «este fato indica um desenvolvimento preponderante das tarefas antiimperialistas no processo atual da luta revolucionária, tarefas que possivelmente não coincidirão com as medidas agrárias de caráter radical formuladas pelo programa do P.C.B., mas que podem e devem coincidir com algumas reformas na estrutura agrária».

Dessa conclusão se depreende que é possível a realização das tarefas de caráter antiimperialista sem que sejam resolvidas as tarefas de caráter agrário, o que é a negação frontal do caráter da revolução brasileira — antiimperialista e agrária antifeudal — aceita por Agildo Barata no artigo citado. Pelo que é exposto na plataforma do grupo fracionista, podemos concluir que, na presente conjuntura, o caráter da revolução seria unicamente antiimperialista. É certo que se fala na coincidência das tarefas antiimperialistas com algumas reformas na estrutura agrária. Mas, quais serão estas reformas? É evidente que Agildo Barata e seu grupo não se referem ao confisco das terras dos latifundiários e da sua entrega, gratuitamente, aos camponeses sem terra ou possuidores de

# Uma Plataforma Tipicamente Burguesa

Maurício Grabois

pouca terra, nem à abolição das formas semi-feudais de exploração dos camponeses. Na sua entrevista à «Última Hora», Agildo Barata fala vagamente em uma «política agrária visando melhorar o abastecimento e o mercado interno». Trata-se de simples reformas que em nada modificam o regime agrário imperante no país, nem atingem, em um milímetro sequer, o odioso monopólio da terra. Cabe formular a pergunta: como libertar o Brasil do jugo do imperialismo norte-americano sem mobilizar as massas de milhões de camponeses que constituem a grande maioria da nação? Sem esta mobilização é impossível levar, efetivamente, a cabo a tarefa da libertação nacional. E a realidade mostra que os camponeses não serão postos em movimento, em apoio à luta antiimperialista, a não ser sob a bandeira da luta pela posse da terra e contra as sobrevivências feudais.

A concepção mecânica que dimana da plataforma do grupo fracionista de que primeiro serão realizadas as tarefas antiimperialistas e depois as tarefas agrárias, anti-feudais, é inteiramente errônea. Num país dependente como o nosso, com uma população em que predominam esmagadoramente os camponeses, o problema nacional é, em primeiro lugar, um problema essencialmente camponês. O programa do P.C.B. mostra de forma acertada que a luta pela consecução dos objetivos antiimperialistas está unida à luta pela liquidação do latifúndio e das outras sobrevivências feudais. Tem toda a atualidade a tese do camarada Prestes, exposta em seu informe ao IV Congresso do P.C.B., de que «enquanto os imperialistas norte-americanos constituem o principal sustentáculo dos latifundiários, de outro lado, se não for derrotado o poder dos latifundiários e grandes capitalistas, não poderá o domínio dos monopólios norte-americanos ser liquidado no Brasil».

A libertação do país do jugo imperialista norte-americano e a liquidação dos latifundiários como classe são duas faces da mesma moeda. Na luta por nossos objetivos estratégicos não podemos jamais esquecer que o domínio dos monopólios ianques no Brasil tem como apoio uma pequena minoria reacionária, cuja principal base econômica é o monopólio da terra. A constatação de que o movimento camponês no Brasil está

atrasado em relação com a luta antiimperialista, não pode nos levar à conclusão de que as tarefas da luta de libertação nacional predominam sobre as da luta pelas medidas agrárias de caráter radical. É inegável que o ritmo do avanço do movimento antiimperialista é atualmente muito mais rápido que o do desenvolvimento da luta dos camponeses. Isso é uma das mais sérias falhas — talvez a mais grave — do movimento revolucionário brasileiro e explica porque as forças reacionárias golpeiam ainda com tanta facilidade a luta de nosso povo contra a dominação imperialista norte-americana e pelas liberdades. A desorganização das massas camponesas, o seu baixo nível de consciência política e a grande influência que os latifundiários ainda exercem sobre elas, são causas das derrotas das reivindicações camponesas. Ainda, agora, na Câmara dos Deputados, devido à ação do poderoso grupo de parlamentares representantes dos latifundiários, foi derrotado o projeto que estendia à legislação social aos trabalhadores do campo, sem que se verificasse em sua defesa nenhuma luta no campo.

Este atraso do movimento camponês não nos impõe mudanças no esquema estratégico delineado no programa do P.C.B., nem nos conduz a abdicar das medidas agrárias radicais e a nos aproximar dos latifundiários. Ao contrário. Ele só pode nos alertar para a nossa subestimação do trabalho entre os camponeses, que são o principal aliado do proletariado. Esta subestimação é tradicional no Partido. É comum, em nossos esforços pela organização da frente única, nos preocuparmos muito mais com a burguesia nacional — e tudo devemos fazer para com ela marchar na luta pela libertação nacional — do que com os camponeses. Em Agildo Barata e seus acólitos esta tendência se manifesta de forma absoluta. Preocupam-se exclusivamente com a burguesia. E vão mais longe. Por mais absurdo que pareça, na prática, substituem, como aliados, os camponeses pelos latifundiários ao abandonar a palavra-de-ordem da reforma agrária radical, sob o pretexto de acumulação de forças. Confundindo problemas de ordem tática com questões de caráter estratégico, procuram apresentar os latifundiários como aliados do proletariado na frente única. Para serem consequentes, não postulam o confisco e a distribuição gratuita

da terra dos latifundiários aos camponeses.

Ao assumirem tal posição, arguem que alguns setores de latifundiários têm condições com o imperialismo norte-americano. Isto é verdade e já o programa do P.C.B., tão maltratado por Agildo Barata e demais fracionistas, assinalava tal fato. Ao Partido da classe operária cabe levar em conta tal contradição, tendo em vista impulsionar a luta pela realização de seu programa. Mas esta questão é puramente tática. Em certas circunstâncias, na luta por objetivos concretos, a classe operária pode marchar temporariamente com setores de latifundiários, sem jamais esquecer que os latifundiários, como classe, são um dos principais sustentáculos da dominação imperialista no país.

No presente momento, toda tendência de dar uma primazia absoluta ao aspecto antiimperialista da revolução brasileira em detrimento de seu aspecto agrário, antifeudal, é um entrave ao avanço do movimento revolucionário, contribui para obstaculizar uma luta consequente contra o imperialismo norte-americano. Isto porque a subestimação do trabalho camponês impossibilita a criação da aliança operário-camponesa, fator decisivo da vitória da revolução. É indiscutível que a luta antiimperialista, sob a forma de movimento nacionalista, avança no país, o que é altamente positivo para a luta do povo brasileiro por sua emancipação nacional. Este movimento conta com o apoio e a participação firme e combativa dos comunistas que tudo fazem para fortalecê-lo. Mas, não nos iludamos. A luta pela libertação nacional do país do jugo imperialista norte-americano só será vitoriosa se ela tiver por base uma sólida aliança operário-camponesa. Esperar primeiro a realização das tarefas antiimperialistas para que surjam «melhores condições para a ampliação e consolidação da aliança operário-camponesa», como pretendem Agildo Barata e seus seguidores, é um sonho de visionário, um desejo impossível, a renúncia ao caminho revolucionário e a aceitação das soluções reformistas já condenadas pela história.

Do ponto de vista de classe, as idéias e posições de Agildo Barata correspondem aos interesses da burguesia e, por isso, se submete docilmente a esta tanto no aspecto ideológico como no da organização. Não dá a menor importância à participação dos camponeses na luta revolucionária na frente única, abdica do direito do proletariado lutar pela hegemonia e defende a dissolução do Partido da classe operária em favor de uma organização política — Partido ou «frente» — nacionalista sob a direção da burguesia. Todas as questões que apresentou em seus artigos e entrevistas decorrem, assim, da sua posição de classe tipicamente burguesa.

## A PRESENÇA ODIOSA DA ESQUADRA IANQUE

Uma esquadra ianque composta de 16 belonaves e com cerca de 10.000 homens na tripulação chegou no dia 2 e permanecerá uma semana nas águas da Guanabara. Um esquadrão naval no mesmo dia ancorou no porto de Santos com 3.515 homens. Todas as unidades pertencem à Esquadra do Atlântico dos Estados Unidos.

O que vem fazer uma tão poderosa esquadra em nossos portos? Com que objetivo permanecerá tantos dias em águas brasileiras?

Em junho de 1953, logo após a vergonhosa aprovação pelo Congresso do Acórdo Militar Brasil-Estados Unidos, chegava ao porto do Rio de Janeiro uma esquadra com cerca de 3.000 homens de tripulação. Estava em circulação o número de maio da revista «Reader's Digest», que continha longo artigo de autoria do Almirante Callery, Chefe de Treinamento da Esquadra dos Estados Unidos. Neste artigo era dada a resposta àquelas perguntas feitas por todos os brasileiros.

Dizia o Almirante Callery:

«Ainda nos tempos de paz uma poderosa esquadra serve para muitos propósitos de longo alcance. A nossa sexta esquadra no Mediterrâneo auxilia a enrijecer a espinha dorsal dos países que se encontram próximos da cortina de ferro. É uma força estabilizadora, é um instrumento da diplomacia, assim como da guerra. Nas eleições italianas de 1948 a presença de poderosas fraternais belonaves nos portos de Gênova, Nápoles e Taranto influiu poderosamente contra as promessas e clamores comunistas. Do mesmo modo, os comandos de porta-aviões ancorados no Pireu e no Bósforo, a intervalos regulares, tiveram muito que ver com a decisão da Turquia e da Grécia de entrarem para a NATO. A presença desses navios em épocas e lugares críticos não é acidental. A Marinha de Guerra os envia a tais lugares segundo requisição do Departamento de Estado».

A esquadra ianque se movimenta sempre, segundo a confissão de um dos seus chefes, por requisição do Departamento de Estado, para exercer pressão em épocas e lugares críticos. Assim foi em 1953 em todos os países latino-americanos a que estavam sendo impostos — os pactos militares. No Ch-

ile tão ofensiva e aberta foi a pressão (a esquadra chegou na semana em que se debatia o acórdo militar) que o povo chileno empreendeu uma verdadeira caçada de marujos ianques pelas ruas de Santiago. Os navios tiveram que zarpar e Gonzales Videla a bordo do capitânea apresentou as desculpas do governo chileno.

Assim tem sido nos recentes deslocamentos da VI Esquadra no Mediterrâneo para levar à prática a «doutrina» Eisenhower de submissão dos povos árabes que lutam por sua independência nacional.

No momento presente o povo brasileiro enfrenta uma investida de grande envergadura, multilateral, dos imperialistas ianques. O governo Kubitschek, em sucessivas capitulações, já entregou parte de nosso território à ocupação de forças armadas norte-americanas. Não somente a ilha de Fernando de Noronha mas todo o nordeste está sendo preparado para base de agressão atômica. Já foi realizada a Conferência de Buenos Aires onde foram acertados os planos para um Pacto do Atlântico Sul por força do qual ficarão as unidades aero-navais brasileiras, argentinas uruguaias e paraguaias, subordinadas ao comando ianque, através da chamada Junta Interamericana de Defesa. Está em curso uma investida sem precedentes, dos jornais estipendiados pela Standard e pela embaixada ianque, dirigida contra a Petrobrás e o monopólio estatal do petróleo.

A presença da mais numerosa esquadra estrangeira que já chegou a nossos portos não é acidental, como diria o Almirante Callery. Por requisição do Departamento de Estado ela se deslocou para acompanhar de pressão militar a atual investida ianque contra a soberania, independência e as riquezas nacionais.

Mas cresce a resistência de nosso povo à investida imperialista. Todos os patriotas, todos os que lutam pela independência nacional, estão unificando a sua ação no vigoroso movimento nacionalista que empolga o país de norte a sul. A presença odiosa da esquadra ianque, longe de atemorizar o nosso povo constituirá, pelo seu significado, mais um fator de mobilização e de unidade de todos os que lutam pela independência política e econômica de nossa pátria.

## OS CRIMES DA POLÍCIA POLÍTICA

A confissão detalhada de um dos policiais que participaram do selvagem assassinato do militante comunista Lafaiete Fonseca, por ocasião da campanha eleitoral de 1950 no Distrito Federal, vem confirmar as constantes denúncias dos comunistas contra os crimes atrozes da polícia política, especialmente os praticados sob o comando do famigerado inspetor Borer.

As torturas inumanas a que foram submetidos os grevistas da Light e os presos militares, os fuzilamentos de Zélia Magalhães e Lafaiete na Capital da República, dos portuários do Rio Grande, dos mineiros de Morro Velho, dos camponeses de Tupã, a chacina de Livramento, foram alguns dos inúmeros crimes cometidos pela polícia política do governo Dutra, cuja série sinistra foi iniciada pelo massacre do Largo da Carioca.

Combatentes de vanguarda das lutas pela independência nacional e pela democracia os militantes comunistas sempre foram o alvo do banditismo policial. O processo ora instaurado contra os assassinos de Lafaiete está causando profunda impressão na opinião pública, que exige a punição dos criminosos e dos seus mandantes.

A defesa dos direitos fundamentais do homem, a salvaguarda das garantias democráticas asseguradas pela Constituição, a defesa da democracia, enfim, constitui parte da luta de nosso povo pela independência nacional e pelo progresso. É dever de todos os patriotas e democratas defender as liberdades democráticas essenciais ao fortalecimento do poderoso e crescente movimento de todas as classes e camadas do povo brasileiro em prol da causa nacionalista.

O processo dos assassinos comandados por Borer mostra-nos a importância da luta pela democracia, da luta por um clima de liberdade em que não mais seja possível aos sicários da polícia política assassinar cidadãos por fazerem a propaganda eleitoral de candidatos contrários ao governo.

# "SOBRE O TRATAMENTO CORRETO DAS CONTRADIÇÕES NO SEIO DO POVO"

Informe de MAO TSE TUNG

(Tradução do texto oficial fornecido pela Agência NOVA CHINA)

Publicamos abaixo o texto integral do discurso de Mao Tse Tung «Sobre o tratamento correto das contradições no seio do povo». Este discurso foi pronunciado a 27 de fevereiro de 1957 na 11ª sessão (ampliada) da Conferência Suprema do Estado da República Popular da China, e somente em 18 de junho seu texto foi divulgado pela agência oficial de notícias «Nova China». Segundo anuncia a agência, o presidente Mao Tse Tung fez uma revisão do discurso, baseado no registro taquigráfico, e nele introduziu certas adições.

Tratando-se de um documento da maior importância para a compreensão dos problemas atuais do movimento comunista, como o atesta a enorme repercussão que vem encontrando em todos os países, VOZ OPERÁRIA recomenda aos seus leitores o estudo e o debate do trabalho de Mao Tse Tung.

Nosso objetivo geral é o tratamento correto das contradições no seio do povo. Por motivo de conveniência, discutimos a questão em 12 subtítulos. Embora se faça referência às contradições existentes entre nós e nossos inimigos, esta discussão se concentrará principalmente nas contradições que existem no seio do povo.

## I — DOIS DIFERENTES TIPOS DE CONTRADIÇÕES

Nosso país nunca esteve tão unido quanto agora. As vitórias da revolução democrático-burguesa e da revolução socialista, juntamente com as conquistas da construção socialista, transformaram rapidamente a face da velha China. Agora, vemos diante de nós um futuro ainda mais brilhante. Os dias de desunião nacional e de desordem, que o povo detestava, foram-se para sempre. Dirigidos pela classe operária e pelo Partido Comunista, e unidos como um só, nosso povo de 600 milhões de homens está dedicado à grande obra de construção do socialismo, de unificação do país, unidade do povo e unidade entre nossas diversas nacionalidades — tais são as garantias básicas para o triunfo certo de nossa causa. Todavia, isso não significa que não haja mais contradições em nossa sociedade. Seria ingênuo imaginar que não há mais contradições. Fazê-lo, seria fugir à realidade objetiva. Nós nos defrontamos com dois tipos de contradições sociais: contradições entre nós e o inimigo e contradições no seio do povo. Esses dois tipos de contradições são de natureza totalmente diversa.

Se queremos ter uma compreensão correta desses dois diferentes tipos de contradições, devemos, antes de tudo, deixar claro o que entendemos por "povo" e o que entendemos por "inimigo".

O termo "povo" possui diferentes significações em diferentes países e em diferentes períodos históricos de cada país. Tomemos nosso país, por exemplo. Durante a guerra de resistência contra a agressão japonesa, todas aquelas classes, camadas e grupos sociais que se opunham à agressão japonesa pertenciam à categoria de povo, enquanto os imperialistas japoneses, os traidores chineses e os elementos pró-japoneses pertenciam à categoria de inimigos do povo. Durante a guerra de libertação, os imperialistas dos Estados Unidos e seus lacaios — os capitalistas-burocráticos e a classe dos latifundiários — e os reacionários do Kuomintang, que representavam aquelas duas classes, eram os inimigos do povo, enquanto todas as outras classes, camadas e grupos sociais que resistem à revolução socialista, que são hostis à causa do povo. Na fase atual de construção do socialismo, todas as classes, camadas e grupos sociais que aprovam, apoiam e trabalham pela causa da construção socialista, pertencem à categoria do povo, enquanto que aquelas forças e grupos sociais que resistem à revolução socialista que, são hostis à construção socialista e tentam fazê-la fracassar, são inimigos do povo.

As contradições entre nós e nossos inimigos são antagônicas. Dentro das fileiras do povo, as contradições entre as massas trabalhadoras não são antagônicas, enquanto que aquelas que existem entre os exploradores e as classes exploradas possuem, além de seu aspecto antagônico, um aspecto não-antagônico. Sempre existiram contradições no seio do povo, mas seu conteúdo difere em cada período da revolução e durante a construção do socialismo. Nas condições hoje existentes na China, o que denominamos contradições no seio do povo, inclui as seguintes:

Contradições dentro da classe operária, contradições dentro do campesinato, contradições dentro da intelectualidade, contradições entre a classe operária e o campesinato, de um lado, e a intelectualidade, de outro, contradições entre a classe operária e outros setores da massa trabalhadora, de um lado, e a burguesia nacional, de outro, contradições no seio da burguesia nacional e assim por diante.

Nosso governo popular é um governo que representa verdadeiramente os interesses do povo e serve ao povo, mas, existem certas contradições entre o governo e as massas. Elas incluem contradições entre os interesses do Estado, interesses coletivos e interesses individuais; entre a democracia e o centralismo; entre aqueles que estão em postos de direção e os dirigidos e contradições que decorrem da atuação burocrática de certos funcionários do Estado em suas relações com as massas. Todas essas são contradições no seio do povo, de modo geral, e, sob as contradições no seio do povo, reside a identidade básica dos interesses do povo.

Em nosso país, a contradição entre a classe operária e a burguesia nacional é uma contradição no seio do povo. A luta de classes travada entre ambas é, de modo geral, uma luta de classes dentro das fileiras do povo. Isso é devido ao duplo caráter da burguesia nacional, em nosso país. Durante os anos da revolução democrático-burguesa, havia um lado revolucionário no seu caráter; mas por outro lado, tinha também a tendência para o compromisso com o inimigo. No período da revolução socialista, a exploração da classe operária, visando obter lucros, é um dos lados, enquanto o outro é o apoio à constituição e o desejo de aceitar a transformação socialista. A burguesia nacional difere dos imperialistas, dos latifundiários e dos capitalistas-burocráticos. A contradição entre o explorador e o explorado, que existe entre a burguesia nacional e a classe operária, é uma contradição antagônica. Contudo, nas condições concretas existentes na China, tal contradição antagônica, se for tratada de ma-

neira adequada, pode ser transformada numa contradição não-antagônica e resolvida de maneira pacífica. Mas, se não for tratada de modo adequado, se, digamos, não seguirmos uma política de unificar, criticar e educar a burguesia nacional ou se a burguesia nacional não aceitar esta política, então as contradições existentes entre a classe operária e a burguesia nacional poderão tornar-se uma contradição antagônica, como aquelas entre nós e o inimigo.

Uma vez que as contradições entre nós e o inimigo e aquelas existentes no seio do povo possuem uma natureza diversa, elas devem ser resolvidas de diferentes maneiras. Em resumo, a primeira consiste em traçar uma linha divisória entre nós e nossos inimigos, enquanto que a última consiste em distinguir o certo do errado. É verdade, está claro, que traçar uma linha divisória entre nós e nossos inimigos é também uma questão de distinguir entre o certo e o errado. Por exemplo, a questão de saber quem está com a razão, nós ou os reacionários internos ou externos — isto é, os imperialistas, os senhores feudais e os capitalistas-burocráticos — é também uma questão de distinguir entre o certo e o errado, mas é de natureza diversa das questões de saber o que é certo e errado no seio do povo.

A nossa é uma ditadura democrática do povo, dirigida pela classe operária e baseada na aliança operário-campesina. Para que esta ditadura? Sua primeira função é suprimir as classes e os elementos reacionários e aqueles que tentam fazer fracassar nossa construção socialista; isto quer dizer, resolver as contradições entre nós e o inimigo dentro do país. Por exemplo, prender, julgar e condenar alguns contra-revolucionários e, por um determinado período de tempo, privar os latifundiários e os capitalistas-burocráticos de direito de voto e da liberdade de palavra — tudo isto está incluído no objetivo de nossa ditadura. Para manter a lei e a ordem e salvaguardar os interesses do povo, é igualmente necessário exercer a ditadura sobre os ladrões, escroques, assassinos, falsários, vadios e outros degenerados que infringem seriamente a ordem social.

A segunda função desta ditadura é proteger nosso país das atividades subversivas e de uma possível agressão, por parte do inimigo externo. Se tal coisa acontecer, caberá a esta ditadura resolver a contradição externa entre nós e o inimigo. O objetivo desta ditadura é proteger todo o nosso povo, para que possa trabalhar em paz e transformar a China em um país socialista, com uma indústria, agricultura, ciência e cultura modernas.

Quem deve exercer esta ditadura? Naturalmente deve ser a classe operária e todo o povo, dirigido por ela. A ditadura não se aplica nas fileiras do povo. O povo não pode exercer a ditadura sobre si próprio; nem deve uma parte dele oprimir a outra parte. Elementos do povo, infratores da lei, serão tratados de acordo com a lei, mas isso é diferente, em princípio, de usar a ditadura para suprimir os inimigos do povo. O que se aplica no seio do povo é o centralismo democrático. Nossa Constituição estabelece que os cidadãos da República Popular da China gozam de liberdade de palavra, de imprensa, de reunião, de associação, de desfile, manifestação, crença religiosa, etc. Nossa Constituição determina também que os órgãos estatais devem praticar o centralismo democrático e confiar nas massas; que os funcionários dos órgãos estatais devem servir ao povo. Nossa democracia socialista é uma democracia no sentido mais amplo, como não existe em nenhum país capitalista. Nossa ditadura é conhecida como uma ditadura democrática do povo, dirigida pela classe operária e baseada na aliança operário-campesina. Isto quer dizer que a democracia atua nas fileiras do povo, enquanto a classe operária, unida a todos aqueles que gozam dos direitos civis, em primeiro lugar os camponeses, impõe a ditadura sobre as classes e os elementos reacionários e todos aqueles que resistem à transformação socialista e se opõem à construção socialista. Por direitos civis, entendemos liberdade política e direitos democráticos.

Mas esta liberdade é liberdade com direção e essa democracia é democracia sob direção centralizada e não anarquia. A anarquia não está de acordo com os interesses ou desejos do povo.

Algumas pessoas, em nosso país, ficaram entusiasmadas com os acontecimentos da Hungria. Esperavam que acontecesse algo semelhante na China, que milhares e milhares de pessoas se manifestariam nas ruas, contra o governo popular. Tais esperanças chocavam-se com os interesses das massas e portanto, não poderiam absolutamente contar com o apoio destas. Na Hungria, uma parte do povo enganada por contra-revolucionários internos e externos, cometeu o erro de recorrer a atos de violência contra o governo popular, em consequência do que tanto o Estado como o povo sofreram com isso. O prejuízo causado à economia do país, em poucas semanas de rebelião, exigirá longo tempo para ser reparado. Houve outras pessoas, em nosso país, que adotaram uma atitude vacilante em relação aos acontecimentos na Hungria, porque desconheciam a atual situação internacional. Achavam que existia muito pouca liberdade sob nossa democracia popular e que havia mais liberdade nas democracias parlamentares ocidentais. Exigiam que fosse adotado o sistema bi-partidário do Ocidente, onde um partido está no poder e o outro fora do poder. Mas esse chamado sistema bi-partidário não é mais do que um meio de manter a ditadura da burguesia; em circunstância alguma pode ele salvaguardar a liberdade do povo trabalhador. Na verdade, a liberdade e a democracia não podem existir de maneira abstrata, elas só existem concretamente. Numa sociedade em que existe luta de classes, as classes exploradoras são livres para explorar as massas trabalhadoras, enquanto os trabalhadores não têm a liberdade de livrar-se da exploração; onde existe democracia para a burguesia, não pode haver democracia para o proletariado e para outros trabalhadores. Em alguns países capitalistas, os partidos comunistas podem existir legalmente mas somente na medida em que eles não ameçam os interesses fundamentais da burguesia; fora disso, não é permitida a sua existência

legal. Aquêles que reclamam liberdade e democracia de maneira abstrata, encaram a democracia como um fim e não um meio. A democracia parece às vezes ser um fim, mas na realidade é apenas um meio. O marxismo nos ensina que a democracia é parte da super-estrutura e pertence à categoria da política. Isso quer dizer que, em última análise, ela serve à base econômica. O mesmo é válido para a liberdade. Tanto a democracia como a liberdade são relativas e não absolutas, e elas se realizam e se desenvolvem sob circunstâncias históricas específicas. Dentro das fileiras do povo, a democracia existe em relação com o centralismo e a liberdade, em relação com a disciplina. Elas são dois aspectos opostos de uma entidade única, contraditórios e ao mesmo tempo unidos e nós não devemos, unilateralmente, dar ênfase a um, em prejuízo de outro. Dentro das fileiras do povo, nada podemos fazer sem liberdade e nada podemos fazer sem disciplina; nada podemos fazer sem democracia e nada podemos fazer sem centralismo. Nosso centralismo democrático significa a unidade da democracia com o centralismo e a unidade da liberdade com a disciplina. Sob tal sistema, o povo goza em ampla medida de liberdade e de democracia, mas ao mesmo tempo, deve manter-se dentro das fronteiras da disciplina socialista. Tudo isso é bem compreendido pelo povo.

Ao defendermos a liberdade com direção e a democracia sob direção centralizada, de forma alguma entendemos que devam ser tomadas medidas coercitivas para decidir assuntos ideológicos e questões que envolvam a distinção entre o certo e o errado, no seio do povo. Qualquer tentativa de tratar de assuntos ideológicos ou questões que envolvam o certo e o errado, por meio de decretos administrativos ou medidas coercitivas, será não só ineficiente como prejudicial. Não podemos abolir a religião através de ordens administrativas; nem podemos obrigar as pessoas a não acreditar nela. Não podemos compelir as pessoas a rejeitar o idealismo, assim como não podemos forçá-las a acreditar no marxismo. Ao tratar de questões de natureza ideológica ou de medidas controversas, no meio do povo, só podemos usar métodos democráticos, métodos de discussão, crítica, persuasão e educação, não métodos coercitivos ou arbitrários. A fim de continuar em seu trabalho e seus estudos de maneira eficiente e organizar suas vidas de maneira adequada, o povo deseja que seu governo, os dirigentes da atividade produtiva e dos organismos educacionais e culturais deem ordens justas, de caráter obrigatório. O senso comum indica que a manutenção da lei e da ordem seriam impossíveis sem ordens administrativas. Ordens administrativas e o método da persuasão e da educação completam-se mutuamente na solução das contradições no seio do povo. As ordens administrativas baixadas para manter a ordem social, devem ser acompanhadas pela persuasão e a educação, pois em muitos casos, as simples ordens administrativas de nada servirão.

Em 1942, elaboramos a fórmula "unidade-crítica-unidade", para descrever esse método democrático de resolver as contradições no seio do povo. Elaborar isto significa partir do desejo de unidade e resolver contradições através da crítica ou da luta, a fim de alcançar uma nova unidade, numa nova base. Nossa experiência demonstra que esse é um método justo de resolver contradições no seio do povo. Em 1942, usamos esse método para resolver as contradições dentro do Partido Comunista, isto é, contradições entre os doutrinários e os militantes comuns, entre o doutrinarismo e o marxismo. Em certa ocasião, ao travar a luta interna no Partido, os doutrinários de "esquerda" usaram o método de "luta impiedosa e golpes esmagadores". Esse método estava errado. Em lugar dele, criticando o doutrinarismo de "esquerda", usamos um novo método: partir do desejo de unidade e resolver as questões sobre o certo e o errado através da crítica ou da argumentação e assim atingir a uma nova unidade, numa nova base. Esse foi o método usado na "campanha de retificação" de 1942. Alguns anos depois, em 1945, quando o Partido Comunista da China realizava seu VII Congresso Nacional, a unidade foi alcançada assim em todo o Partido e uma grande vitória da revolução popular foi assegurada. A coisa essencial é partir do desejo de unidade. Sem esse desejo subjetivo de unidade, uma vez iniciada a luta, esta estará sujeita a fugir das mãos. Não seria isso, então, o mesmo que a "luta impiedosa e os golpes esmagadores"? Restaria disso alguma unidade partidária? Foi essa experiência que nos conduziu à fórmula: "unidade-crítica-unidade". Ou, em outras palavras, "ter em conta a advertência do passado, a fim de ser mais cauteloso no futuro" e "tratar a doença, a fim de salvar o doente". Nós ampliamos esse método além do nosso Partido. Durante a guerra, ele foi usado com muito êxito nas bases anti-japonesas, para tratar das relações entre os dirigentes e as massas, entre o exército e a população civil, entre oficiais e soldados, entre diferentes unidades do exército, e entre vários grupos de quadros. A utilização desse método pode ser encontrada em épocas mais remotas da história de nosso Partido. Nós começamos a organizar nossas forças armadas revolucionárias e bases no sul, em 1927, e desde então nós usamos esse método para tratar das relações entre o partido e as massas, entre o exército e a população civil, entre oficiais e soldados, e em geral nas relações no seio do povo. A única diferença está em que durante a guerra anti-japonesa, esse método foi usado muito mais deliberadamente. Após a libertação do país, usamos esse mesmo método — "unidade-crítica-unidade" — em nossas relações com outros partidos democráticos e círculos industriais e comerciais. Agora, nossa tarefa consiste em continuar a ampliar e tornar ainda melhor esse método, dentro das fileiras do povo; desejamos que todas as nossas fábricas, cooperativas, estabelecimentos comerciais, escolas, repartições governamentais, entidades públicas, numa palavra, todos os nossos 600 milhões de habitantes, o utilizem para resolver as contradições entre eles existentes.

Em circunstâncias comuns, as contradições no seio do



# "SÔBRE O TRATAMENTO CORRETO DAS C

contra-revolucionários, este ano ou no próximo, a fim de generalizar a experiência adquirida, encorajar o espírito de justiça e combater as tendências errôneas. Nacionalmente, essa tarefa deverá ser examinada pelo Comitê Permanente do Congresso Nacional Popular e pelo Comitê Permanente da Conferência Política Consultiva Popular; e localmente, pelos conselhos e comitês populares, provinciais e municipais, da Conferência Política Consultiva Popular. Nessa revisão, devemos ajudar e não desestimular grande número de funcionários e ativistas que tomaram parte nesse trabalho. Não é justo abalar-lhes o moral. Contudo, os erros devem ser corrigidos, quando descobertos. Tal deve ser a atitude de todos os órgãos de segurança pública, das procuradorias e departamentos jurídicos, prisões ou agências encarregadas da reforma de criminosos, através do trabalho.

Esperamos que, onde for possível, os membros do Comitê Permanente do Congresso Nacional Popular e da Conferência Política Consultiva Popular e os deputados do povo, tomem toda parte nessa revisão. Isso ajudará a aperfeiçoar nosso sistema legal e também a tratar de maneira correta os contra-revolucionários e outros criminosos.

A situação atual com relação aos contra-revolucionários pode ser resumida nestas palavras: ainda existem contra-revolucionários, mas não muitos. Em primeiro lugar, ainda há contra-revolucionários. Algumas pessoas afirmam que não há mais e que tudo está em paz; que podemos pegar nossos travesseiros e ir dormir. Mas as coisas não são assim. O fato é que ainda existem contra-revolucionários (isso não significa dizer, é claro, que podem ser encontrados por toda parte e em todas as organizações), e nós devemos continuar a combatê-los. Deve-se compreender que os contra-revolucionários ocultos, ainda à solta, não permanecerão inativos, mas certamente aproveitarão toda oportunidade para provocar dificuldade e que os imperialistas norte-americanos e a camarilha de Chiang Kai-shek enviam constantemente agentes secretos, para realizar atividades sabotadoras. Mesmo quando todos os contra-revolucionários existentes forem extirpados, podem surgir novos. Se afrouxarmos nossa vigilância, seremos completamente enganados e pagaremos caro por isso. Onde quer que sejam encontrados contra-revolucionários, causando dificuldades, deverão ser extirpados com mão firme. Mas, é claro que no país em seu conjunto, não existem certamente muitos contra-revolucionários. Seria falso dizer que existe ainda grande número de contra-revolucionários à solta. Aceitar esse ponto de vista provocaria também confusão.

### 3 — COOPERAÇÃO AGRÍCOLA

Possuímos uma população rural de mais de 500 milhões de habitantes, por isso a situação de nossos camponeses desempenha um papel muito importante no desenvolvimento de nossa economia e na consolidação de nosso poder estatal. Em minha opinião, a situação é basicamente boa. A organização de cooperativas agrícolas foi completada com êxito e isso solucionou uma grande contradição em nosso país — aquela entre a industrialização socialista e a economia agrícola individual. A organização de cooperativas foi completada rapidamente e por isso algumas pessoas recebiam que pudesse ocorrer algo ruim. Algumas coisas saíram erradas mas, felizmente, não foram coisas sérias. O movimento, em seu conjunto, é saudável. Os camponeses trabalham com vontade e no ano passado, apesar das piores inundações, secas e tufões, desde vários anos, eles conseguiram aumentar a produção de víveres. No entanto, algumas pessoas provocaram uma tempestade em copo d'água: queixam-se de que a agricultura cooperativa não progredirá, pois não possui qualidades superiores. Possui a agricultura cooperativa qualidades superiores ou não? Entre os documentos distribuídos na reunião de hoje existe um referente à Cooperativa Wang Kuo-fan, do distrito de Tsunhua, província de Hopei, cuja leitura eu vos sugiro. Essa cooperativa está situada numa região montanhosa, que era muito pobre no passado e dependia de fornecimento de cereais, para ali enviados todos os anos pelo governo popular. Quando a cooperativa foi organizada, em 1953, o povo a chamava a "cooperativa dos pobres". Mas como resultado de 4 anos de duras lutas, ela tornou-se melhor ano após ano e hoje a maioria de suas famílias tem reserva de cereais. O que essa cooperativa pôde fazer, outras cooperativas também serão capazes de fazer, em condições normais, mesmo se isso exigir um pouco mais de tempo. Fica claro então, que não há base para o ponto de vista de que há algo errado no movimento cooperativo.

Está claro também que é necessária uma luta árdua para organizar cooperativas. As coisas novas sempre apresentam dificuldades e altas e baixas a superar, à medida que se desenvolvem. Seria pura fantasia imaginar que construir o socialismo é navegar em mar manso e ter êxito fácil, que não se encontrarão dificuldades ou reverses ou que não será necessário fazer tremendos esforços.

Quem são os sustentáculos firmes das cooperativas? São a esmagadora maioria dos camponeses pobres e da camada inferior dos camponeses médios. Eles perfazem, juntos, mais de 70% da população rural. A maioria do restante também deposita esperanças no futuro das cooperativas. Somente uma minoria muito pequena está realmente insatisfeita. Mas um número considerável de pessoas não soube analisar esta situação. Elas não fizeram um estudo aprofundado das realizações e das debilidades das cooperativas e das causas dessas debilidades; tomaram uma parte do quadro, como o seu todo. E assim entre algumas pessoas, fez-se uma tempestade em copo d'água em torno daquilo que denominam a falta de qualidades superiores nas cooperativas.

Quando tempo demorará para consolidar as cooperativas e terminar com essas alegações sobre a não existência de qualidades superiores? A julgar pela experiência atual de muitas cooperativas, isso tomará provavelmente 5 anos ou um pouco mais. Como a maioria de nossas cooperativas tem apenas pouco mais de um ano de existência, não seria razoável exigir demasiado, em tão pouco tempo. Na minha opinião, estaremos indo muito bem se tivermos êxito na organização de cooperativas durante o período do primeiro plano quinquenal e na sua consolidação, durante o segundo plano.

As cooperativas estão sendo consolidadas rapidamente. Certas contradições ainda não foram resolvidas. Tais como aquelas entre o Estado e as cooperativas; das cooperativas entre si e dentro delas.

Para resolver essas contradições, devemos ter sempre em mente os problemas de produção e distribuição. Vejamos a questão da produção. Por um lado, a economia cooperativa deve estar sujeita à planificação econômica unificada do Estado, mas ao mesmo tempo, deve-se permitir-lhe manter uma certa margem e independência de ação, sem prejuízo da planificação unificada estatal ou da política das leis e regulamentos do Estado. Por outro lado, cada família, numa cooperativa, pode fazer seus próprios planos em relação à

terra reservada para uso privado e outros empreendimentos econômicos, deixados à administração particular, mas estes devem estar de acordo com os planos gerais da cooperativa ou brigada de produção à qual ela pertence.

Sobre a questão da distribuição, devemos levar em conta o interesse do Estado, da cooperativa e do indivíduo. Devemos encontrar o meio correto de estabelecer a relação tripla entre a receita fiscal do Estado, a acumulação de fundos na cooperativa e a renda pessoal do camponês e ter o cuidado permanente de fazer reajustamentos, a fim de resolver as contradições, à medida que forem surgindo. A acumulação é essencial tanto para o Estado como para a cooperativa, mas em nenhum caso deve ser exagerada. Devemos fazer todo o possível para permitir aos camponeses, em anos normais, elevar suas rendas pessoais, ano após ano, na base do aumento da produção.

Muitas pessoas dizem que os camponeses levam uma vida difícil. Será verdade? Num sentido, é. Ou seja, porque os imperialistas e seus agentes oprimiam, exploravam e pauperizavam nosso país, por mais de um século, o nível de vida não só dos camponeses mas também de nossos operários e intelectuais, ainda é baixo. Necessitaremos de várias décadas de esforços intensivos para elevar o nível de vida de todo o nosso povo, passo a passo. Nesse sentido, "difícil" é a palavra exata. Mas de outro ponto de vista, não é justo dizer "difícil". Referimo-nos à alegação de que, nos 7 anos após a libertação, a vida dos operários melhorou, mas não a dos



camponeses. De fato, com muito poucas exceções, tanto os operários como os camponeses vivem melhor que antes. Desde a libertação, os camponeses libertaram-se da exploração feudal e sua produção aumentou ano após ano. Vejamos o caso das colheitas de gêneros alimentícios. Em 1949, a produção nacional era apenas de pouco mais de 210.000 milhões de "catties" (na China, 1 "catty" corresponde a 604,8g — N. da R.). Em 1956, elevou-se para mais de 360.000 milhões de "catties", ou seja, um aumento de aproximadamente... 150.000 milhões de "catties". A taxa agrícola do Estado não é pesada, montando apenas a cerca de 30.000 milhões de "catties" por ano. O trigo comprado aos camponeses por preços normais só atinge a pouco mais de 50.000 milhões de "catties" por ano. Esses dois itens em conjunto perfazem o total de mais de 88.000 milhões de "catties". Mais de metade desse trigo, além disso, é vendida nas aldeias e cidades vizinhas. Evidentemente, ninguém pode dizer que não houve melhora na vida dos camponeses. Estamos preparados para estabelecer, em alguns anos, o montante total da taxa agrícola e o montante de trigo comprado pelo Estado, em aproximadamente pouco mais de 80.000 milhões de "catties" por ano.

Isso ajudará a promover o desenvolvimento da agricultura e consolidar as cooperativas; o pequeno número de famílias camponesas que têm "deficit" de trigo, ainda existentes no campo, não o terão mais; de modo que, com exceção de certos camponeses, cujas colheitas são de tipo industrial, todas as famílias camponesas terão então reservas de trigo ou pelo menos, se tornarão auto-suficientes; dessa maneira, não haverá mais camponeses pobres e o padrão de vida de todos os camponeses alcançará ou ultrapassará o nível dos camponeses médios. Não é justo fazer uma comparação superficial entre a renda média anual de um camponês e aquela de um operário e tirar a conclusão de que uma é muito baixa e a outra, muito elevada. A produtividade dos operários é muito maior que a dos camponeses, enquanto que o custo de vida para os camponeses é muito inferior ao dos operários das cidades; por isso não se pode dizer que os operários recebem favores especiais do Estado. Todavia, os salários de um pequeno número de operários e de alguns funcionários do governo, são bastante elevados, e os camponeses têm razão em estar insatisfeitos com isso. Eis porque é necessário fazer certos reajustamentos apropriados à luz de circunstâncias específicas.

### 4 — A QUESTÃO DOS INDUSTRIAIS E NEGOCIANTES

O ano de 1956 viu a transformação das empresas industriais e comerciais que eram objeto de propriedade privada em empresas mistas estatais-privadas e também a organização de cooperativas na agricultura e no artesanato, como parte da transformação do nosso sistema social. A rapidez e a variedade com que isso se realizou estão estreitamente ligadas ao fato de que tratamos a contradição entre a classe operária e a burguesia nacional como uma contradição no seio do povo. Foi essa contradição de classe inteiramente resolvida? Não, ainda não. Um período considerável de tempo é ainda necessário para fazê-lo. Entretanto, alguns dizem que os capitalistas foram remodelados a tal ponto que agora não diferem muito dos operários e uma remodelação subsequente é desnecessária. Outros vão ao ponto de dizer que os capitalistas são mesmo um pouquinho melhores que os operários. Outros, ainda, perguntam: por que, se a remodelação é necessária, a classe operária não é submetida a remodelação? São corretas essas opiniões? É claro que não.

Na construção duma sociedade socialista, todos necessitam

remodelação, tanto os exploradores como o povo trabalhador. Quem é que diz que a classe operária não necessita dela? Naturalmente que a remodelação dos exploradores e a do povo trabalhador são dois tipos diferentes de remodelação. Os dois não devem ser confundidos. Na luta de classe e na luta contra a natureza a classe operária remodela a sociedade inteira e ao mesmo tempo remodela a si mesma. Ela deve continuar a aprender no processo do seu trabalho e superar passo a passo as suas insuficiências. Ao fazê-lo, não deve parar nunca. Tomemos a nós mesmos, que aqui estamos presentes, por exemplo. Muitos de nós fazemos algum progresso todo ano, isto é, estamos sendo remodelados todo ano. Eu mesmo tinha antes tudo quanto era espécie de idéias não-marxistas. Foi somente mais tarde que abracei o marxismo. Aprendi um pouco de marxismo nos livros e assim fiz uma remodelação inicial de minhas idéias; mas foi principalmente através da participação na luta de classes durante anos que eu cheguei a ser remodelado. E devo continuar a estudar se se trata para mim de continuar progredindo, pois de outra maneira ficarei para trás. Podem os capitalistas ser tão argutos que não necessitem mais de remodelação?

Alguns pretendem que a burguesia chinesa já não tem mais dois lados em seu caráter, mas somente um. É verdade isso? Não, os membros da burguesia, por um lado, já se converteram em pessoal administrativo em empresas mistas estatais-privadas e estão sendo transformados de exploradores em gente trabalhadora que vive do seu próprio trabalho. Por outro lado, recebem ainda uma taxa fixa de juros sobre os seus investimentos nas empresas mistas, isto é, ainda não se desprenderam completamente das raízes da exploração. Entre eles e a classe operária existe ainda um hiato considerável de ideologia, de sentimentos e hábitos de vida. Como se pode dizer que eles não têm mais dois lados em seu caráter? Mesmo quando deixarem de receber seus pagamentos de juros fixos e se livrarem do rótulo de «burguesia» necessitarão ainda de remodelação ideológica por um tempo bem longo. Se se sustentasse que a burguesia não tem mais um caráter duplo, então esse estudo e remodelação não seriam mais necessários para os capitalistas.

Mas é preciso ser dito que tal ponto-de-vista não se ajusta às condições verdadeiras de nossos industriais e negociantes nem com o que quer a maior parte deles. Durante os últimos anos a maior parte deles quis estudar e fizeram um progresso acentuado. Os nossos industriais e negociantes podem ser completamente remodelados somente no processo do trabalho. Devem trabalhar junto com a direção e os operários nas empresas e fazer destas os centros principais para a remodelação de si mesmos. É também importante para eles mudar, através do estudo, alguns dos seus velhos pontos-de-vista. O estudo deve ser facultativo para eles. Depois de terem comparecido a grupos de estudo durante algumas semanas, muitos industriais e negociantes, ao voltar a suas empresas, acham que falam uma linguagem mais comum com os operários e os representantes da propriedade acionista de Estado, e que assim trabalham melhor juntos. Sabem, pela experiência pessoal, que é bom para eles continuar estudando e remodelando-se. A idéia há pouco mencionada, de que esse estudo e remodelação não são necessários, não reflete os pontos-de-vista da maioria dos industriais e negociantes. Somente um pequeno número deles pensa dessa maneira.

### 5 — A QUESTÃO DOS INTELLECTUAIS

As contradições dentro das fileiras do povo em nosso país também encontram expressão entre os nossos intelectuais. Vários milhões de intelectuais que trabalharam para a velha sociedade passaram a servir à nova sociedade. A questão que agora se levanta é de como melhor poderão vir ao encontro das necessidades da nova sociedade e de como poderemos ajudá-los a fazer isso. É esta também uma contradição no seio do povo.

A maior parte dos nossos intelectuais fez um progresso acentuado durante os últimos 7 anos. Manifestam-se em favor do sistema socialista. Muitos deles estão estudando diligentemente o marxismo e alguns tornaram-se comunistas. Seu número, embora pequeno, está crescendo firmemente. Há ainda, é claro, alguns intelectuais que se mostram céticos em relação ao socialismo ou que não o aprovam, mas constituem minoria.

A China precisa de tantos intelectuais quanto possa dispor, para levar a cabo a gigantesca tarefa da construção socialista. Devemos confiar nos intelectuais que querem realmente servir à causa do socialismo, melhorar a fundo as nossas relações com eles e ajudá-los a resolver sejam quais forem os problemas que tenham a resolver, de maneira a que possam dar plena expansão aos seus talentos. Muitos de nossos camaradas não se conduzem bem no trato com os intelectuais. São inflexíveis com eles, dão provas de desrespeito para com o seu trabalho e interferem nos assuntos científicos e culturais de maneira indevida. Devemos eliminar todas essas insuficiências.

Nossos intelectuais fizeram certo progresso, mas não devem ser complacentes. Devem continuar a remodelar-se, a despojar-se gradualmente da sua concepção burguesa do mundo e a adquirir uma concepção comunista proletária do mundo, de modo a que possam vir completamente ao encontro das necessidades da nova sociedade e unir-se estreitamente com os operários e camponeses. Essa mudança de concepção do mundo é uma mudança fundamental e não se pode dizer, até agora, que a maior parte dos nossos intelectuais a tenha realizado. Esperamos que eles continuem a fazer progressos e que, no processo do trabalho e do estudo, adquiram uma concepção comunista do mundo, logrem um melhor domínio do marxismo-leninismo e se identifiquem com os operários e camponeses. Esperamos que não parem a meio-caminho, nem, o que é pior, escoreguem para trás. Porque, se o fizerem, se encontrarão num beco-sem-saída.

Porque o sistema social de nosso país mudou e a base econômica da ideologia burguesa foi, no principal, destruída, é não somente necessário mas também possível, para grande número dos nossos intelectuais, mudar a sua concepção do mundo. Mas uma mudança completa de concepção do mundo leva um tempo bem longo e devemos empreendê-la pacientemente e não ser precipitados. Atualmente não pode deixar de haver alguns que retem ideologicamente, com persistência, em aceitar o marxismo-leninismo e o comunismo. Não devemos ser muito rigorosos no que esperamos deles; na medida em que cumpram com as exigências do Estado e se empenhem em ocupações legítimas, devemos

...lhes of...  
...Hoave...  
...pítico em...  
...as tendê...  
...ente, qu...  
...pítico, do...  
...arece ass...  
...por, já r...  
...ta a que...  
...o e poli...  
...em esad...  
...rs, deve...  
...rentes...  
...eológica...  
...pítico coi...  
...ca no pa...  
...s. Mas f...  
...os sentin...  
...o foi bo...  
...futuro...  
...s devem...  
...balho id...  
...unista, à...  
...entais res...  
...efes das...  
...ssa polí...  
...cebe edu...  
...ente e a...  
...ta. Deven...  
...r que t...  
...is é ain...  
...uação ra...  
...s dos esf...  
...so povo...  
...so país...  
...as década...  
...cialista al...  
...mas dev...  
...se que...  
...ntre os m...  
...na vez q...  
...e poderã...  
...ar por ela

6 — A...  
A popul...  
ais de 30...  
população...  
e em cor...  
is. E' po...  
vo Han e...  
ssa quest...  
o mesmo...  
s minoria...  
lo. Nem...  
dem fazer...  
des e dev...  
o do pov...  
a maior p...  
ve uma...  
des, mas...  
nados lu...  
cionalism...  
ge a nos...  
os do povo...  
os, as ref...  
ram realiz...  
norias na...  
formas de...  
nda madu...  
decido entr...  
Tibet, a...  
nizada. M...  
cidir quan...  
rsonalida...  
vel. Decid...  
ética noTi...  
l e só po...  
iro plano.

### — PLANILHAT

A "plani...  
encionada...  
ateral para...  
nosso país...  
os probl...  
ma popula...  
quecido.

Por que...  
ente que a...  
lhões? Na...  
o prática...  
ensassem...  
undo, mel...  
e clube...  
ositivos, de...  
do o poss...  
ositivos, se...  
cidade so...  
nto-de-vist...  
e temos...  
to objetiv...  
Temos...  
em tamb...  
rução está...  
realizamos...  
gigantesca...  
uitos probl...  
uma cont...  
mente dev...  
lo-guia é a...  
providenci...  
rate — ali...  
ntelectuais...  
das nacion...  
empre do p

# O DAS CONTRADIÇÕES NO SEIO DO POVO

o povo trabalha necessariamente para um trabalho conveniente. Houve recentemente uma queda no trabalho ideológico e político entre os estudantes e intelectuais e surgiram algumas tendências malsãs. Algumas pessoas pensam, aparentemente, que não há mais necessidade de se preocuparem de política, do futuro de sua pátria e dos ideais da humanidade, parece assim como se o marxismo, que em outro tempo fez furor, já não estivesse tão em moda hoje em dia. Sendo esta a questão, devemos melhorar o nosso trabalho ideológico e político. Tanto os estudantes como os intelectuais devem estudar com afinco. Junto com os assuntos especializados, devem estudar o marxismo-leninismo, os acontecimentos recentes e os assuntos políticos, para que progredam tanto ideologicamente como politicamente. Não ter um ponto-de-vista político correto é como não ter alma. A remodelação ideológica no passado foi necessária e produziu resultados positivos. Mas foi conduzida de modo um tanto grosseiro e fácil, os sentimentos de algumas pessoas foram feridos, o que não foi bom. Devemos evitar insuficiências dessa natureza no futuro. Todos os departamentos e organizações implicadas devem assumir suas responsabilidades com relação ao trabalho ideológico e político. Isso se refere ao Partido Comunista, à Liga da Juventude, aos departamentos governamentais responsáveis por esse trabalho e especialmente aos chefes das instituições educacionais e aos professores. A política educacional deve habilitar todo aquele que recebe educação a desenvolver-se moral, intelectual e fisicamente e a tornar-se um trabalhador culto, de espírito socialista. Devemos propagar a idéia da construção de nosso país através dum trabalho tenaz e da parcimônia. Devemos zelar por que toda a nossa gente jovem compreenda que o nosso país é ainda muito pobre, que não podemos mudar essa situação radicalmente num prazo curto e que somente através dos esforços unidos da nossa jovem geração e de todo o nosso povo, trabalhando com suas próprias mãos, poderá o nosso país tornar-se forte e próspero num período de algumas décadas. É verdade que a instauração do nosso sistema socialista abriu o caminho que leva ao Estado ideal do futuro, mas devemos trabalhar duramente, duramente de verdade, se queremos fazer desse ideal uma realidade. Alguns entre os nossos jovens pensam que tudo deve ser perfeito, na vez que foi estabelecida uma sociedade socialista, e que poderão gozar uma vida feliz, nascida feita, sem trabalhar por ela. Isso é irreal.

## 6 - A QUESTÃO DAS MINORIAS NACIONAIS

A população das minorias nacionais de nosso país sobe a mais de 30 milhões. Embora representem apenas 6% da população total da China, essas minorias habitam regiões de conjunto compreendem 50 a 60% da área total do país. E' por isso imperativo nutrir boas relações entre o povo Han e as minorias nacionais. A chave para a solução dessa questão reside em superar o chovinismo grão-Han. Ao mesmo tempo, onde existe o nacionalismo local no seio das minorias nacionais, devem tomar-se medidas para superá-lo. Nem o chovinismo grão-Han nem o nacionalismo local podem fazer nada de bom para a unidade entre as nacionalidades e devem ser ambos superados como contradições no seio do povo. Já realizamos algum trabalho nesse terreno. A maior parte das áreas habitadas pelas minorias nacionais teve uma grande melhoria nas relações entre as nacionalidades, mas restam certos problemas por resolver. Em determinados lugares tanto o chovinismo grão-Han como o nacionalismo local existem ainda em grau elevado e isso exige a nossa cuidadosa atenção. Como resultado dos esforços do povo de todas as nacionalidades durante os últimos anos, as reformas democráticas e a transformação socialista foram realizadas, no principal, na maior parte das áreas das minorias nacionais. No Tibet não foram ainda realizadas as reformas democráticas porque as condições aí não estão ainda maduras. Em obediência ao acordo de 17 pontos estabelecido entre o Governo Popular Central e o Governo Local do Tibet, a reforma do sistema social deverá ser finalmente realizada. Mas não devemos ser impacientes. Só se poderá decidir quando isso será feito quando o povo do Tibet e suas personalidades públicas dirigentes considerarem que isso é possível. Decidiu-se agora não levar a efeito a reforma democrática no Tibet durante o período do segundo plano quinquenal e só poderemos decidir se será feita no período do terceiro plano quinquenal à luz da situação que então exista.

## PLANIFICAÇÃO GERAL, CONSIDERAÇÃO MULTILATERAL E PROVIDÊNCIAS ADEQUADAS

A "planificação geral e consideração multilateral" aqui mencionada refere-se à planificação geral e consideração multilateral para com os interesses da população de 600 milhões de nosso país. Ao traçar planos, tratar de questões ou pensar os problemas, devemos partir do fato de que a China tem uma população de 600 milhões. Isso não deve ser nunca esquecido.

Por que devemos tratar dessa questão? Será que há gente que ainda não sabe que temos uma população de 600 milhões? Naturalmente todo mundo sabe isso, mas na atuação prática alguns costumam esquecê-lo e agem como se pensassem que, quanto menor o povo e mais pequeno o seu mundo, melhor. Os que têm essa mentalidade "exclusivista de clube" resistem à idéia de pôr em jogo todos os fatores positivos, de unir todos os que podem ser unidos e de fazer todo o possível para transformar os fatores negativos em positivos, servindo à grande causa da construção de uma sociedade socialista. Apesar que essas pessoas adotem um ponto-de-vista mais largo e reconheçam realmente o fato de que temos uma população de 600 milhões, que isso é um fato objetivo e é patrimônio nosso.

Temos essa grande população. É uma boa coisa, mas também, naturalmente, as suas dificuldades. A construção está avançando vigorosamente em todas as frentes; realizamos muito, mas, no atual período de transição de gigantesca transformação social, estamos ainda cercados por muitos problemas difíceis. Progresso e dificuldades — isso é uma contradição, todas as contradições não somente devem mas podem ser resolvidas. O nosso princípio-guia é a planificação geral e a consideração multilateral providências adequadas seja qual for a questão de que se trate — alimentação, flagelos naturais, emprego, educação, intelectuais, frente única de todas as forças patrióticas, minorias nacionais ou qualquer outra questão — devemos partir sempre do ponto-de-vista da planificação geral e da considera-

ção multilateral com relação a todo o povo; devemos tomar sejam quais forem as providências cabíveis e possíveis, no tempo e lugar próprios e depois de consulta com todos os interessados. Não devemos de modo algum jogar os assuntos pela porta dos fundos, veicular rumores de que há gente de mais, de que a gente é atrasada e de que as coisas são penosas ou difíceis de se lidar com elas.

Significará isso que só o governo deve preocupar-se com tudo e com todos? É claro que não. As organizações sociais e as próprias massas podem conseguir caminhos e meios para tomar a seu cargo muitas questões que têm que ver com a gente e com as coisas. Elas são capazes de imaginar muitos caminhos bons para fazê-lo. Isso entra também na esfera de ação do princípio de "planificação geral, consideração multilateral e providências adequadas". Devemos orientar as organizações sociais e as massas do povo em toda parte para que se empenhem nessa atividade.

## 8 - SOBRE O «DEIXAR DESABROCHAR CEM FLORES» E O «DEIXAR CONTENDEREM CEM ESCOLAS DE PENSAMENTO», E «A COEXISTÊNCIA A LONGO PRAZO E A SUPERVISÃO MÚTUA»

«Que desabrochem cem flores» e «que contendam cem escolas de pensamento» são dois velhos ditos chineses. A palavra «cem» não significa literalmente o número como tal, mas simplesmente «numerosos», «numerosas» — Nota do tradutor da versão em inglês).

«Que desabrochem cem flores» e «que contendam cem escolas de pensamento», «coexistência a longo prazo e supervisão recíproca» — como foram lançadas essas palavras-de-ordem?

Foram lançadas à luz das condições específicas existentes na China, à base do reconhecimento de que diferentes espécies de contradições existem ainda numa sociedade socialista e em resposta à necessidade urgente do país de acelerar o seu desenvolvimento econômico e cultural.

A política de deixar desabrocharem cem flores e contenderem cem escolas de pensamento tem o objetivo de promover o florescimento das artes e o progresso da ciência; tem o objetivo de fazer com que medre uma cultura socialista em nossa terra. Podem desenvolver-se livremente diferentes formas e estilos na arte e competir livremente diferentes escolas na ciência. Pensamos que é pernicioso para o desenvolvimento da arte e da ciência se se empregam medidas administrativas para impor um estilo artístico ou uma escola de pensamento particulares e para proscrever um outro. As questões do certo e do errado, nas artes e ciências, devem ser resolvidas através da livre discussão nos círculos artís-



tas e científicas e no curso do trabalho prático nas artes e ciências. Não devem ser resolvidas de um modo sumário. É muitas vezes necessário um período de prova para estabelecer se determinada coisa é certa ou errada. No passado, muitas vezes coisas novas e corretas não lograram, de início, aceitação da maioria do povo e tiveram de desenvolver-se em luta, através de curvas e embaraços. Muitas vezes coisas boas e corretas foram inicialmente encaradas não como flores perfumadas, mas como plantas venenosas. A teoria do sistema solar, de Copérnico, e a teoria da evolução, de Darwin, foram outrora repudiadas como errôneas e tiveram que impor-se vencendo uma rude oposição. A história da China oferece muitos exemplos semelhantes. Na sociedade socialista, as condições para o crescimento das coisas novas são radicalmente diferentes das da velha sociedade e são muito superiores a elas. Não obstante, acontece ainda muitas vezes que as forças novas, ascendentes, são contidas e são sufocadas inspirações razoáveis.

O crescimento das coisas novas pode também ser estorvado não por causa de uma supressão deliberada, mas devido à falta de discernimento. Por isso devemos ter uma atitude prudente em relação às questões do certo e do errado nas artes e nas ciências, encorajar a livre discussão e evitar conclusões apressadas. Acreditamos que essa atitude facilitará o crescimento das artes e das ciências.

O marxismo também se desenvolveu através da luta. No começo, o marxismo foi submetido a toda sorte de ataques e encarado como uma planta venenosa. Ele continua ainda sendo atacado e encarado como uma planta venenosa em muitas partes do mundo. Entretanto, goza de uma situação diferente nos países socialistas. Mas mesmo nesses países há ideologias não-marxistas, assim como ideologias antimarxistas. É verdade que, na China, a transformação socialista, na medida em que se trata de uma mudança no sistema de propriedade, foi no principal realizada, e a luta de classe turbulenta, em larga escala, em massa, característica dos períodos revolucionários, terminou, no essencial. Mas existem ainda remanescentes das classes derrubadas dos latifundiários e compra-

dores, existe ainda a burguesia e a pequena-burguesia mal começou a remodelar-se. Não acabou ainda a luta de classes. A luta de classes entre o proletariado e a burguesia, a luta de classes entre as várias forças políticas e a luta de classes no campo ideológico entre o proletariado e a burguesia serão ainda demoradas e tortuosas e por vezes poderão tornar-se ainda muito agudas. O proletariado procura transformar o mundo de acordo com a sua própria concepção do mundo e o mesmo faz a burguesia. Quanto a isso, a questão de se quem vencerá será o socialismo ou o capitalismo não está ainda realmente resolvida. Os marxistas são ainda uma minoria do conjunto da população assim como dos intelectuais. Por isso o marxismo deve ainda desenvolver-se através da luta. O marxismo só pode desenvolver-se através da luta — isso é verdade não só no passado e no presente, é verdade necessariamente também no futuro. O que é correto sempre se desenvolve no curso da luta com o que é errado. A verdade, o bem e o belo sempre existem em contraste com o falso, o mal e o feio e crescem em luta com estes. Como em geral a humanidade rejeita uma inverdade e aceita uma verdade, uma nova verdade começará lutando com novas idéias errôneas. Essas lutas nunca terminarão. É esta a lei de desenvolvimento da verdade e é certamente também a lei de desenvolvimento do marxismo.

Levará um tempo considerável para decidir-se o resultado final na luta ideológica entre o socialismo e o capitalismo em nosso país. Isso é porque a influência da burguesia e dos intelectuais providos da velha sociedade permanecerá em nosso país, como ideologia de uma classe, por muito tempo ainda. Não assimilar isso, ou, o que é ainda pior, absolutamente não compreendê-lo, pode levar aos erros mais graves — a ignorar a necessidade de empreender a luta no campo ideológico. A luta ideológica não é como outras formas de luta. Os métodos crus, coercitivos não devem ser usados nessa luta, mas apenas o método da argumentação metódica. O socialismo goza hoje de condições favoráveis na luta ideológica. O poder principal do Estado está nas mãos do trabalhador dirigido pelo proletariado. O Partido Comunista é forte e é elevado o seu prestígio. Embora haja defeitos e erros em nosso trabalho, toda pessoa de espírito são pode ver que somos leais para com o povo, que estamos dispostos a edificar o nosso país junto com o povo e que somos capazes de fazer isso, e que levamos a efeito grandes realizações e levaremos a efeito realizações ainda maiores. A imensa maioria da burguesia e dos intelectuais providos da velha sociedade são patriotas; desejam servir sua florentina mãe-pátria socialista e sabem que, se se afastam da causa socialista e do povo trabalhador dirigido pelo Partido Comunista, não terão nenhuma outra causa em que confiar e nenhum futuro brilhante a esperar.

A gente pode perguntar: uma vez que o marxismo é aceito pela maioria do povo em nosso país como a ideologia orientadora, poderá ele ser criticado? Certamente que pode. Como verdade científica que é, o marxismo não teme qualquer crítica. Se temesse e pudesse ser derrotado na argumentação, seria sem valor. Não é verdade que os idealistas estão criticando o marxismo todo dia e das mais diferentes maneiras? E, quanto aos que acolhem as idéias burguesas e pequeno-burguesas e não querem mudar, não estão eles também criticando o marxismo das mais diferentes maneiras? Os marxistas não devem temer a crítica, venha de onde vier. Absolutamente ao contrário: necessitam temperar-se e aperfeiçoar-se e conquistar novas posições nas garras da crítica e na tempestade e na tensão da luta. A luta contra as idéias erradas é como ser vacinado — um homem desenvolve maior imunidade em relação à doença depois que a vacina faz efeito. As plantas cultivadas em estufas não têm condições de ser robustas. A realização da política de deixar florescerem cem flores e competir em escolas de pensamento não enfraquecerá e sim fortalecerá a posição dirigente do marxismo no campo ideológico.

Qual deve ser a nossa política em relação às idéias não-marxistas? No que concerne aos contra-revolucionários evidentes e aos solapadores da causa socialista, o assunto é fácil: privamo-los simplesmente de sua liberdade de palavra. Mas é uma questão completamente diferente quando estamos diante de idéias incorretas no seio do povo. Caberá banir essas idéias e não dar-lhes nenhuma oportunidade de exprimir-se? Certamente que não. É não somente fútil mas muito pernicioso usar métodos crus e sumários no trato das questões ideológicas no seio do povo, das questões relativas à vida espiritual do homem. Podeis banir a expressão das idéias erradas, mas as idéias continuarão lá. Por outro lado, as idéias corretas, se mimadas em estufas, sem ser expostas aos elementos ou imunizadas da doença, não vencerão contra as outras. Eis porque é somente empregando os métodos da discussão, da crítica e da argumentação que poderemos realmente nutrir as idéias corretas, superar as idéias erradas e chegar realmente a resultados.

A burguesia e a pequena-burguesia não podem deixar de dar expressão às suas ideologias. É inevitável que persistam porfiadamente em expressar-se por todos os caminhos possíveis nas questões políticas e ideológicas. Em vão esperaremos que não façam assim. Não devemos usar métodos de supressão para impedi-las de exprimir-se, mas permiti-lhes que o façam e ao mesmo tempo discutir com elas e dirigir-lhes uma crítica bem meditada.

Não pode haver dúvida de que devemos criticar toda sorte de idéias erradas. Não há certamente lugar para abster-se da crítica e ficar olhando enquanto as idéias erradas se espalham desenfreadamente e conseguem seu mercado. Os erros devem ser criticados e as plantas venenosas combatidas onde quer que afluem. Mas essa crítica não deve ser dogmática. Não devemos usar o método metafísico, mas encorajar-nos por empregar o método dialético. O que é necessário é a análise científica e argumentos plenamente convincentes. A crítica dogmática não resolve nada. Não queremos nenhuma espécie de plantas venenosas, mas nós devemos distinguir cuidadosamente entre o que realmente seja uma planta venenosa e uma verdadeira flor aromática. Devemos aprender em ligação com as massas populares a fazer essa cuidadosa distinção e a usar de maneira justa os métodos de combate às ervas daninhas.

Ao mesmo tempo em que criticamos o dogmatismo, devemos igualmente dirigir nossa atenção para o revisionismo, criticando-o também. O revisionismo, ou oportunismo de direita, constitui uma tendência burguesa do pensamento, que é ainda mais perigosa que o dogmatismo. Os revisionistas, ou oportunistas de direita, em palavras estão com o marxismo e também atacam o dogmatismo. Mas o verdadeiro alvo de seu ataque são realmente os elementos fundamentais do marxismo. Os revisionistas combatem ou deturpam o materialismo e a dialética, combatem e procuram enfraquecer a ditadura democrático-popular e o papel dirigente do Partido Comunista, combatem ou procuram enfraquecer a transformação socialista e a construção socialista. Mesmo (CONTINUA NA PAGINA SEGUINTE)

# "SOBRE O TRATAMENTO CORRETO DAS CONTRADIÇÕES NO SEIO DO POVO"

(CONTINUAÇÃO DA PAGINA ANTERIOR)

depois da vitória fundamental da revolução socialista em nosso país, ainda há certas pessoas que alimentam vãs esperanças na restauração do sistema capitalista. Eles lutam contra a classe operária em todas as frentes, inclusive na frente ideológica. Nessa luta, seus braços direitos são os revisionistas.

Superficialmente, há dois «slogans» — deixai que cem flores desabrochem e que contendam cem escolas de pensamento — não têm caráter de classe; o proletariado pode aproveitá-los, assim como a burguesia e outras camadas. Mas as diferentes classes, camadas e grupos sociais têm, cada qual, seus pontos de vista próprios, quanto ao que seja uma flor aromática ou uma planta venenosa. Portanto, do ponto de vista das amplas massas populares, deve existir agora um critério para distinguir entre a flor aromática e a planta venenosa?

Na vida política de nosso país, como deve nosso povo determinar o que seja certo ou errado em nossas palavras e atos? Baseando-nos nos princípios de nossa Constituição, na vontade da esmagadora maioria de nosso povo e nos programas políticos proclamados conjuntamente em várias ocasiões por nossos partidos e grupos políticos, acreditamos que, falando em termos amplos, as palavras e atos devem ser julgados como justos se:

- 1) — Ajudam a unir os povos de nossas várias nacionalidades e não a dividi-los;
- 2) — São favoráveis, e não hostis, à transformação socialista e à construção socialista;
- 3) — Ajudam a consolidar e não a minar e enfraquecer, a ditadura democrática do povo;
- 4) — Ajudam a consolidar e não a minar e enfraquecer, o centralismo democrático;
- 5) — Contribuem para fortalecer e não para derrubar ou enfraquecer a direção do Partido Comunista;
- 6) — São favoráveis e não hostis, à solidariedade socialista internacional e à solidariedade dos povos amantes da paz.

Entre esses seis critérios os mais importantes são o caminho socialista e a direção do Partido. Esses critérios levam ao encorajamento e não ao sufocamento da livre discussão de várias questões entre as pessoas. Os que não aceitam esses critérios podem apresentar seus pontos de vista e defender suas opiniões. Quando a maioria do povo tem um critério claro para adotar a crítica e a autocritica podem ser conduzidas pelo caminho apropriado e esse critério pode ser usado em relação às palavras e atos das pessoas para determinar o que seja uma flor aromática ou uma planta venenosa. Estes critérios são políticos. Naturalmente, ao julgar sobre a veracidade de teorias científicas ou apreciar o valor estético de obras de arte, outros critérios especiais são necessários, mas aqueles seis critérios políticos são também aplicáveis a todas as atividades, nas artes ou nas ciências. Num país socialista como o nosso, seria possível qualquer atividade científica ou artística útil que se opusesse a aqueles critérios políticos?

Tudo que dissemos antes decorre das condições históricas específicas de nosso país. Desde que as condições variam, em diferentes países socialistas e em diferentes partidos comunistas, não julgamos que esses países e partidos devam ou necessitem seguir o caminho chinês.

A palavra-de-ordem «coexistência a longo termo e supervisão mútua» é também produto de condições históricas específicas de nosso país. Essa palavra-de-ordem não foi subitamente lançada e sim elaborada durante vários anos. A idéia da coexistência a longo termo existe há muito tempo mas no ano passado, quando o sistema socialista foi no fundamental estabelecido, a palavra-de-ordem passou a ser colocada em termos claros.

Por que se deve permitir que os partidos democráticos da burguesia e da pequena burguesia existam lado a lado com o partido da classe operária durante um longo período? Porque não temos razão para deixar de adotar uma política de coexistência a longo termo com todos os partidos democráticos que estejam realmente empenhados na tarefa de unir o povo em prol da causa do socialismo e que desfrutem da confiança do povo.

Já na segunda sessão do Comitê Nacional da Conferência Consultiva do Povo, em junho de 1950, eu coloquei a questão da seguinte maneira:

«O povo e o Governo popular não tem razão para negar a ninguém a oportunidade de viver e de prestar seus serviços ao país, desde que essas pessoas desejem realmente servir ao povo, ajudem realmente o povo em suas dificuldades, façam boas coisas e continuem assim, sem recuar no meio do caminho.»

O que então eu defini foi a base política para a coexistência duradoura dos vários partidos. E' desejo do Partido Comunista, é também sua política, atuar lado a lado com outros partidos democráticos durante muito tempo ainda. Se esses partidos democráticos podem existir por muito tempo, isto não depende meramente dos desejos do Partido Comunista, mas também do papel que desempenham esses partidos e da confiança que eles mereçam do povo.

A mútua supervisão entre os vários partidos é também um fato de há muito existente, no sentido de que eles aconselhem e critiquem um a outro. A mútua supervisão, que evidentemente não é unilateral, significa que o Partido Comunista deve exercer a supervisão sobre os outros partidos democráticos, e os outros partidos democráticos devem exercer supervisão sobre o Partido Comunista. Por que se deve permitir que os outros partidos democráticos exerçam supervisão sobre o Partido Comunista? Porque os partidos, assim como as pessoas, necessitam muito ouvir opiniões diferentes das suas. Todos sabemos que a supervisão sobre o Partido Comunista é feita principalmente pelos trabalhadores e membros do Partido. Mas ganharemos ainda mais se os outros partidos democráticos também o fizerem. Com efeito, a troca de conselhos e de críticas entre o Partido Comunista e os outros partidos democráticos desempenhará um papel positivo na mútua supervisão somente quando se ajusta aos seis critérios políticos mencionados acima. Eis porque nós esperamos que os outros partidos democráticos prestem atenção à remodelação ideológica e lutem por uma coexistência a longo termo e por uma supervisão mútua com o Partido Comunista, tendo em vista as necessidades da nova sociedade.

## 9 — SOBRE OS DISTÚRBIOS PROVOCADOS POR UM PEQUENO NÚMERO DE PESSOAS

Em 1956 um pequeno número de operários e estudantes entrou em greve em certas localidades. A causa imediata desses distúrbios era a incapacidade de satisfazer algumas de suas exigências de benefícios materiais, algumas das quais deviam e podiam ser atendidas, enquanto outras eram descabidas ou excessivas e não podiam ser atendidas na ocasião.



Entretanto, a causa mais importante desses fatos foi a burocracia dos que ocupavam posições de direção. Em alguns casos, a responsabilidade por estes erros burocráticos cabia a altas autoridades e por isso os de menor categoria não deveriam ter sido os únicos responsabilizados. Outra causa desses distúrbios foi o fato de que era inadequado o trabalho de educação política e ideológica entre os trabalhadores e estudantes. No mesmo ano, elementos de um pequeno número de cooperativas agrícolas também promoveram distúrbios e a causa destes fatos também era o burocratismo por parte dos dirigentes e a deficiência do trabalho de educação entre as massas.

Deve-se admitir que muitas vezes algumas pessoas concentram a atenção em interesses imediatos, parciais e pessoais, não compreendem, ou compreendem insuficientemente os interesses de longo alcance, nacionais e coletivos. Devido à sua falta de experiência da vida política e social alguns jovens não têm a capacidade de estabelecer uma comparação entre a velha e a nova China; não é fácil para essas jovens compreender profundamente quanto foram duras as lutas de nosso povo para se libertar da opressão do imperialismo e dos reacionários do Kuomintang e quanto será longo e penoso o trabalho necessário ao estabelecimento de uma próspera sociedade socialista. Eis porque o trabalho de educação deve ser conduzido entre as massas através de uma forma efetiva e que desperte interesse. Devemos sempre mostrar-lhes os fatos relativos às dificuldades que se apresentam. Com elas discutindo à maneira de resolver tais dificuldades, seio do povo podem ser resolvidas de acordo com a fórmula «unidade-crítica-unidade», enquanto que os distúrbios inevitavelmente causam perdas, em detrimento do avanço do socialismo. Acreditamos que nosso povo apóia o socialismo, que ele defende a disciplina e é sensato, não desejando promover distúrbios sem razão. Mas isto não significa que em nosso país não haja possibilidade de que as massas causem distúrbios. Em relação a isso, devemos prestar atenção ao seguinte:

1) — Tendo em vista extirpar as causas dos distúrbios, devemos eliminar a burocracia, melhorar consideravelmente o trabalho de educação política e ideológica e tratar de maneira acertada todas as contradições. Se isto for feito não haverá normalmente qualquer distúrbio.

2) — Se os distúrbios ocorrerem como resultado de um mau trabalho nosso, então deveremos conduzir os envolvidos em desordens por um caminho justo, devemos aproveitar esses distúrbios como um meio especial de melhorar nosso trabalho, educar os quadros e as massas e elaborar soluções para as questões antes negligenciadas.

Em face de qualquer distúrbio devemos trabalhar metodosamente, evitando métodos simplistas, não considerando o assunto encerrado antes de sua completa solução. Os provocadores de distúrbios não devem ser afastados de seus postos sem uma razão justa, salvo os que houverem cometido atos criminosos ou contra-revolucionários ativos, que devem ser punidos de acordo com a lei. Num país grande como o nosso não há razão para alarme diante de distúrbios provocados por um pequeno número de pessoas; ao contrário disso, devemos aproveitar tais coisas para livrar-nos do burocratismo.

Em nossa sociedade há também um pequeno número de pessoas que não se preocupam com o interesse público, que se recusam a ouvir a voz da razão, que cometem crimes e desrespeitam a lei. Essas pessoas podem tirar vantagens de nossa política e distorcê-la, apresentar deliberadamente reivindicações desarrazoadas com o objetivo de instigar as massas, ou espalhar proposadamente rumores para criar perturbações e prejudicar a ordem social. Não propomos deixar que essas pessoas prossigam neste caminho. Ao contrário, medidas legais adequadas devem ser tomadas contra elas. As massas pedem a punição dessas pessoas. Não agir desse modo seria contrariar o desejo popular.

## 10 — PODEM AS COISAS MÁS SE TRANSFORMAR EM COISAS BOAS?

Como já afirmei, em nossa sociedade é mau e nós não aprovamos que grupos de pessoas promovam distúrbios. Mas, quando ocorrem distúrbios, somos forçados a tirar lições

débeis, para acabar com o burocratismo e educar os quadros e o povo. Nesse sentido, as coisas más podem se transformar em boas. Assim, os distúrbios assumem um duplo caráter. Dessa maneira podem ser encerrados os distúrbios de qualquer espécie.

Está claro para qualquer pessoa que os acontecimentos da Hungria não foram boa coisa. Entretanto, eles também tiveram um duplo caráter. Devido ao fato de que nossos camaradas húngaros agiram adequadamente durante aqueles acontecimentos, o que constituía um mal tornou-se afinal de contas uma boa coisa. O Estado húngaro está hoje mais firmemente estabelecido que nunca. E todos os outros países do campo socialista também aprenderam uma lição.

Da mesma maneira, a campanha mundial anticomunista e antipopular lançada na segunda metade do ano de 1956 foi sem dúvida uma coisa má. Mas essa campanha educou e temperou os partidos comunistas e a classe operária em todos os países. E o que era mau tornou-se uma boa coisa. Durante a tempestade e a tensão desse período, certo número de pessoas abandonou as fileiras do Partido Comunista em vários países. O afastamento de membros do partido reduz os seus efetivos e sem dúvida é uma coisa má, mas há também nisso um lado bom. Isto porque enquanto os elementos vacilantes e sem vontade de continuar lutando se afastam, a grande maioria de elementos firmes do partido mais firmemente se unem para a luta. E isto não é uma coisa boa?

Em resumo, devemos ter uma visão em conjunto dos fatos, considerando não somente seus lados positivos, mas também seus lados negativos. Em determinadas condições um fato negativo pode levar a bons resultados e um fato positivo a maus resultados. Há mais de dois mil anos afirmava Lao Tzu: «É sobre o infortúnio que a boa sorte se apoia». Quando os japoneses penetraram na China consideraram isso como uma vitória. Grandes áreas do território chinês foram tomadas e os chineses a isso chamaram derrota. Mas a derrota chinesa trazia consigo as sementes da vitória e a vitória japonesa consigo trazia as sementes da derrota. Não foi isto provado pela história?

Em todo o mundo se discute hoje se haverá ou não uma terceira guerra mundial. A esse respeito devemos estar psicologicamente preparados e ao mesmo tempo ter uma posição analítica sobre o assunto. Colocamo-nos resolutamente pela paz e nos opomos à guerra. Mas se os imperialistas insistem em desencadear uma outra guerra, não devemos temê-la. Nossa atitude a este respeito é a mesma que mantemos em relação aos distúrbios. Primeiro, somos contra eles. Segundo, não os tememos.

A primeira guerra mundial foi seguida do nascimento da União Soviética, com uma população de 200 milhões de pessoas. A segunda guerra mundial foi seguida pelo aparecimento do campo socialista com uma população conjunta de 900 milhões de pessoas. Se o imperialismo insistir em desencadear a terceira guerra mundial, certamente várias centenas de milhões de pessoas a mais passarão ao campo do socialismo; então, não haverá muito lugar no mundo para o imperialismo, sendo muito provável que toda a estrutura imperialista entrará em colapso.

Em certas condições específicas os dois aspectos de uma contradição invariavelmente se transformam em seus contrários, como resultado da luta entre ambos. Neste caso as condições são importantes. Sem condições específicas nenhum dos dois aspectos contrários pode transformar-se em seu oposto. De todas as classes do mundo o proletariado é a mais desejosa para mudar de posição; a seguir vem o semi-proletariado. O primeiro nada possui, o segundo não está em situação muito diversa. A presente situação, em que os Estados Unidos controlam a maioria na ONU e dominam em muitos pontos do mundo é uma situação transitória, que tende a mudar. A situação em que é mantida a China como um país pobre privado de seus direitos no campo internacional também deve mudar — um país pobre deverá transformar-se em um país rico, um país ao qual seus direitos são negados transformar-se-á num país em gozo de seus direitos. Será a transformação das coisas em seus opostos. Neste caso as condições decisivas são o sistema socialista e os esforços combinados de um povo unido.

## 11 — A PRÁTICA DA ECONOMIA

Agora desejo falar em resumo sobre a prática da economia. Desejamos levar avante a construção em larga escala, mas nosso país ainda está muito pobre e nisso reside uma contradição. Um dos meios de resolver essa contradição é fazer um esforço continuado para praticar uma estrita economia em cada setor.

Durante o Movimento San Fan, em 1952, lutamos contra a corrupção, contra o desperdício e o burocratismo e demos maior atenção à luta contra a corrupção. Em 1955 defendemos com o maior sucesso a prática da economia; nosso esforço principal aplicou-se ao combate às dotações indevidamente elevadas em projetos não produtivos de construções e à economia no uso de matérias primas na produção industrial. Mas nesta época a economia como um princípio orientador não foi conscientemente realizada em todos os ramos da economia nacional, como também em setores do governo, das forças armadas, da instrução e das organizações populares em geral. Nesse ano apelamos para a economia e eliminamos desperdícios de toda espécie através do país. Ainda nos falta experiência na construção. Durante os últimos anos grandes sucessos foram obtidos, mas houve muito desperdício. Devemos construir gradativamente grande número de grandes empresas modernas como o alicerce de nossa indústria; sem isto não poderemos transformar nosso país, dentro de algumas décadas, em uma potência industrial moderna. Mas a maioria de nossas empresas não deve ser construída deste modo; devemos construir um número muito maior de empresas pequenas e médias e utilizar plenamente as indústrias herdadas da velha sociedade para fazer a maior economia e construir o máximo com o mínimo de gastos.

Desde que o princípio de praticar estrita economia e combater o desperdício foi apresentado com maior vigor pela segunda sessão plenária do Comitê Central do Partido Comunista Chinês em Novembro de 1956, bons resultados

(CONCLUI NA PAGINA SEGUINTE)



# Em Defesa da Unidade do P.C.B.

Publicamos abaixo novos documentos aprovados por organismos intermediários do P.C.B., de apoio às últimas resoluções do Comitê Central e em defesa da unidade do Partido.

## COMITÊ REGIONAL DA MANTIQUEIRA

Em reunião recentemente realizada, o C. R. da Mantiqueira aprovou uma resolução, em que reafirma a importância da unidade das fileiras do Partido, estabelecida pelos Estatutos como o primeiro dever de cada militante. Declara o CR: «Fiel aos princípios e normas que regem a vida do Partido, considera que a atitude de alguns camaradas, permitindo a veiculação de ataques ao internacionalismo proletário, do PCUS, ao nosso Partido e à sua direção, através dos órgãos de nossa imprensa, pelos quais eram responsáveis, bem como a posição de outros camaradas, recusando o cumprimento ou anulando decisões do C.C., constitui ato de indisciplina que não pode ser tolerado nas fileiras de nosso Partido».

## COMITÊ REGIONAL DO TRIÂNGULO MINEIRO

Reunido para discutir as duas últimas resoluções do C.C., o C.R. do Triângulo Mineiro aprovou esses documentos e indicou a adoção de uma série de medidas para impulsionar o movimento de massas na região. Em sua resolução, afirma o CR: «O C.R. manifesta o seu inteiro apoio ao C.C. do Partido pela luta que vem este desenvolvendo para manter a unidade do Partido, não permitindo a deturpação dos princípios do marxismo-leninismo. Acha necessário que todos os militantes do Partido se empenhem na batalha pela unidade do Partido, não permitindo a quem quer que seja passar a lutar contra a direção do Partido na região e contra o C.C.».

## COMITÊ REGIONAL DA MOGIANA

Em proclamação dirigida ao C.C. e a Prestes, o C.R. da Mogiana expressa sua solidariedade à direção do Partido e manifesta sua indignação diante das atividades fracionistas de Agildo Barata. Diz a certa altura, o documento: «Estamos convencidos, no entanto, que a melhor maneira de nesse momento assegurarmos a mais sólida unidade de nosso Partido é desenvolvermos no máximo o espírito crítico e autocrítico, no sentido de corrigirmos todos os erros do passado, incentivarmos a democracia interna e a iniciativa criadora de todos os membros do Partido e dos organismos subordinados ao C.R., estimularmos a prática da direção coletiva, do centralismo democrático, o estudo e o cumprimento dos nossos Estatutos».

## COMITÊ REGIONAL DA SOROCABANA

O C.R. da Sorocabana enviou ao C.C. mensagem de congratulações pela passagem do 35º aniversário, na qual destaca a importância da luta interna que se vem travando no Partido. «O C.R. da Sorocabana apoia, estimula e participa da luta interna que ora se trava e que tem como objetivos principais o fortalecimento ideológico, político e orgânico de nosso Partido e a correta aplicação do marxismo-leninismo à realidade brasileira» — diz a mensagem. E, finalizando: «Confiamos portanto que os nossos camaradas do C.C. continuam cada vez mais firmemente no caminho da autocrítica já começada, dirigindo com acerto a luta ideológica, a luta em defesa da soberania nacional, pelas liberdades democráticas e pelas reivindicações das grandes massas trabalhadoras».

## COMITÊ REGIONAL DO NORTE DO PARANÁ

Em mensagem enviada ao C.C., o C.R. do Norte do Paraná, por unanimidade, declarou «apoiar, estimular e participar da luta interna travada em todo o Partido e, à base do estudo e da discussão do projeto de Resolução do C.C., procurar a correção de seus erros, das incompreensões e a superação de dificuldades no trabalho prático».

Finalizando, diz o documento: «Ao manifestarmos nossa confiança no C.C., sob a direção do camarada Prestes, confiamos no processo autocrítico da direção central e nos lançamos à batalha pelo crescimento e consolidação do Partido na região».

## COMITÊ REGIONAL DO AMAZONAS

O C.Z. do Amazonas resolveu «tornar público, mais uma vez, a sua calorosa solidariedade aos membros do Presidium e do C.C. do P.C.B., em face dos pronunciamentos e das medidas fracionistas levadas à prática por um grupo de traidores do Partido e dos ideais comunistas, tendo à frente Agildo Barata».

Nesse documento, o C.R. menciona o recebimento de materiais clandestinos, nos quais se prega abertamente a rebelião dos militantes contra a direção do Partido. Em relação à atividade fracionista de Agildo Barata, o C.R. do Amazonas, em sua última reunião, resolveu por unanimidade «condenar com veemência o infame papel desempenhado por Agildo a favor dos principais inimigos da classe operária e do povo brasileiro. A nenhum militante honesto e fiel aos princípios do marxismo-leninismo é lícito apoiar qualquer pronunciamento ou movimento destinados a criar grupos nas fileiras do Partido, seja qual for o pretexto invocado».

## COMITÊ DE EMPRESA PALMARES

Reunido em pleno ampliado, o C.R. Palmares (Rio) discutiu as últimas resoluções do C.C. e resolveu enviar uma mensagem à direção do Partido. Nesse documento, afirma o C.E. sua «aprovação a tão importantes documentos» e que «procurará trabalhar mais e melhor para levar à prática na empresa as indicações nêles contidas».

## COMITÊ DE ZONA DE PIRACICABA

Em mensagem de saudação ao C.C., pelo transcurso do 35º aniversário, o C.Z. de Piracicaba manifesta sua «sólida

## Solidariedade e Apoio às Últimas Resoluções

### do Comitê Central Pela Unidade do Partido e Contra os Ates Fracionistas

riedade fraternal na luta pelo fortalecimento da unidade do Partido em torno do C.C. dirigido pelo camarada Prestes».

## COMITÊ DE ZONA DE UBERABA

Reunido para discutir as duas últimas resoluções do C.C., resolveu o C.Z. de Uberaba «aprovar as resoluções do C.C., considerando-as importante contribuição para a unidade de nossas fileiras e desenvolvimento das lutas da classe operária e do povo brasileiro; manifestar solidariedade à atitude do Presidium em relação à atividade fracionista de Agildo Barata e de repúdio às suas atividades antipartidárias». O C.Z. «conclama todo o Partido na zona a se manter coeso em torno do C.C. e todos os militantes a se mobilizarem para o cumprimento de suas resoluções, empreendendo um aprofundado estudo para encontrarmos a melhor forma de aplicá-las à realidade local».

## COMITÊ DISTRITAL CENTRO DE OSASCO

Em sua última reunião ampliada, resolveu o C.D.: «dar todo apoio e irrestrita solidariedade ao C.C. e prestigiar cada vez mais a sua direção na luta contra o grupo fracionista liderado por Agildo Barata e a manter cerrada vigilância contra a infiltração em nossas fileiras dos elementos anti-sociais».

## COMITÊ DE ZONA DA SAÚDE

Após uma discussão ampla e democrática das resoluções do C.C. o C.Z. da Saúde (Rio) resolveu «não só dar seu pleno apoio a estes dois importantes e oportunos documentos, como também recomendá-los a todas as organizações do Partido na sua jurisdição, para que debatam e ponham em prática a orientação e as diretrizes ali traçadas».

Afirma o documento aprovado nessa ocasião: «O C.Z. da Saúde considera, por fim, que a resolução sobre a unidade do Partido tem grande importância para a vida orgânica e interna do Partido, tendo em vista corrigir infrações estatutárias cometidas no processo de discussão do Projeto de Resolução do C.C. A unidade em torno do C.C., que tem à sua frente o camarada Prestes, é imprescindível para que o Partido possa orientar-se acertadamente e dirigir a luta de nosso povo pela independência nacional, pela paz, as liberdades democráticas, pelo progresso e a felicidade de nossa gente».

## COMITÊ DE EMPRESA DE SANTOS

O C.E. do Organismo 3,3 de Santos, reunido em pleno ampliado, resolveu enviar ao C.C. «seu entusiástico apoio ao informe e à resolução sobre a unidade». «Resolveu ainda transmitir aos camaradas sua irrestrita fidelidade aos princípios que regem o Partido, ao internacionalismo proletário, «bem como condenar toda e qualquer ação, que parta de quem partir, que vise abalar a unidade monolítica de nosso glorioso Partido».

## COMITÊ DE ZONA DE CAXIAS DO SUL

Depois de discutir as últimas resoluções do C.C., resolveu o CZ de Caxias do Sul aprová-las, por unanimidade e enviar «ao C.C. uma saudação por sua firme posição em defesa da unidade do Partido e dos princípios marxistas-leninistas».

«O CZ reconhece na declaração do Presidium do C.C. um poderoso instrumento para a luta ideológica, um vigoroso chamado à vigilância revolucionária, como a defesa da unidade e da disciplina do Partido».

Em sua parte final, diz a saudação: «O CZ de Caxias do Sul convida a todo o Partido para desenvolver ao máximo a democracia interna, os princípios de direção coletiva, a crítica e autocrítica e o controle permanente e sistemático em todos os organismos do Partido, de cima a baixo e de baixo para cima».

## COMITÊ DE ZONA DE TUPÁ

Reunido em pleno ampliado, o CZ de Tupá discutiu as resoluções do C.C. e enviou a este último uma mensagem em que afirma «estar de acordo com as resoluções e tudo fazer para aplicar a orientação e as tarefas indicadas». Afirma a mensagem: «Expressamos aos queridos camaradas a disposição do nosso CZ e de nossos militantes de estreitarmos cada vez mais a unidade de nosso Partido em torno do C.C., à cuja frente se encontra o camarada Prestes».

## COMITÊ DISTRITAL DE CANOAS

Em sessão plenária, o CD de Canoas (R. G. do Sul) aprovou as resoluções do C.C. sobre a situação política e a unidade do Partido. Na resolução aprovada, afirma o CD: «O CD do Partido Comunista em nosso município afirma aos camaradas do C.C. que estamos vigilantes diante das tentativas do imperialismo americano de dividir as fileiras do Partido da classe operária». E adiante: «O CD garante que não poupará esforços no sentido de levar à prática as resoluções do C.C. O CD apoia o C.C. no caso de Agildo Barata».

## O. B. DE SANTO ANASTÁCIO

A O. B. de Santo Anastácio (CR Sorocabana), reunida em assembléia, hipotecou «apoio irrestrito às resoluções do C.C. sobre o momento político e as tarefas atuais e sobre

a unidade do Partido». «Ao mesmo tempo, está de inteiro acordo com a nota do Presidium sobre o grupo divisionista dirigido por Agildo Barata, continuando os membros deste O. B., cada vez mais, a cerrar fileiras em torno do C.C. com o camarada Prestes à frente».

## COMITÊ DE ZONA SUL (GR RIO)

«O CZ Sul, após discutir a «Declaração do Presidium do C.C. em face das declarações de Agildo Barata a um semanário burguês, resolve dar o seu inteiro apoio à atitude do Presidium. O CZ repudia com indignação as atividades perniciosas do grupo fracionista de Agildo Barata e conclama todas as organizações e membros do Partido na zona lutar pela salvaguarda da unidade do Partido e a cerrar fileiras em torno do C.C., que tem à frente o camarada Prestes».

## MENSAGENS DIVERSAS

Enviaram mensagens de saudações ao C.C., pela passagem do 35º aniversário e de apoio e solidariedade às duas últimas resoluções aprovadas, as seguintes organizações: O. B. do BAIRRO DO LIMÃO do C. D. da Luz (São Paulo); o C. D. de Bocaina e o C. D. de SANTA BARBARA D'ESTE.

## COMITÊ REGIONAL FLUMINENSE

«O CR Fluminense, reunido, resolveu enviar ao C.C. uma calorosa saudação pelas resoluções de seu último pleno.

Depois de destacar o papel do PCB nas lutas do povo brasileiro, o CR afirma: «Na luta vencer os inimigos externos e internos, o Partido tem defendido o princípio leninista da unidade, condição indispensável para a sua existência. O partido revolucionário do proletariado não pode viver sem a unidade em suas fileiras. Lutar contra ela é pois atirar no coração do Partido. Nesse sentido, saudamos a resolução sobre a unidade do Partido e as medidas para impedir as atividades antipartidárias em nossas fileiras, bem como a aplicação do método de persuasão e o respeito à democracia interna e o centralismo democrático, princípios básicos de nosso Partido».

**SENSACIONAL!**

O LIVRO NEGRO dos acordos de minerais atômicos firmados entre o Brasil e os Estados Unidos

OLYMPIO GUILHERME

O Brasil e a Era Atômica

LIVRO NEGRO DOS ACORDOS DE MINERAIS ATÔMICOS FIRMADOS ENTRE O BRASIL E OS ESTADOS UNIDOS

EM TODAS AS LIVRARIAS

«Queremos chamar a atenção dos leitores para o último livro de Olympio Guilherme — «O Brasil e a Era Atômica». Esse «Livro Negro dos Acordos de Minerais Atômicos firmados entre o Brasil e os Estados Unidos» é o mais importante trabalho já feito no Brasil sobre o momentoso assunto, que tão de perto interessa ao desenvolvimento econômico de nosso país e com ele, à sua emancipação, pela qual todos nos batemos.»

(«Semanário», semana de 27/6 a 4/7 de 1957)

## PERIGO DE VIDA PARA OS OPERÁRIOS NAS FÁBRICAS DE EXPLOSIVOS DE N. IGUAÇU

Os trabalhadores deixam o campo e vão para a indústria — Falta de direitos e exploração desumana nas fábricas de explosivos — Os operários não estão conformados e reagem contra a situação (Reportagem de ALOISIO ARAÚJO)

Neste município, que é o 3º do Estado do Rio em população e o 4º em desenvolvimento industrial, apesar de ter sido o 1º exportador de laranjas para todo o Brasil e em muitas safras ter exportado para o exterior quantidades superiores às do município de Limeira, em São Paulo, atualmente se encontra em sérias dificuldades por falta de mercado.

### A situação dos trabalhadores das fazendas

Os trabalhadores agrícolas que tinham como meio de subsistência o cultivo da laranja estão sendo jogados ao desemprego, o que significa dizer estão abandonados à maior miséria, com suas famílias. Como solução, esses trabalhadores procuram trabalho na indústria existente neste município, particularmente na indústria química e de explosivos, que é onde constantemente se dão vagas, não só pela exploração a que são submetidos os operários como pelo perigo que oferece aos que ali trabalham.

### Os métodos desumanos de exploração empregados

Na Companhia Explosivos Rupturita trabalham 230 operários de ambos os sexos. O trabalho é perigosíssimo, pois que se fabrica dinamite. A Companhia não paga a taxa de periculosidade de 30%, conforme decreto do governo federal. Não fornece aos trabalhadores a quantidade de leite necessária que é um litro por dia. O leite fornecido é meio copo. Não fornece máscara nem luvas. As horas extras são pagas como horas normais. O salário-mínimo só passou a vigorar na Companhia, a partir de 1 de janeiro deste ano. Os operários são perseguidos e submetidos aos trabalhos piores, quando reclamam o recebimento da taxa de periculosidade.

### Na «Cobrex» a coisa não é diferente

Na «Cobrex», situada na Estrada de Três Corações, a exploração aos trabalhadores se processa pelos mesmos métodos da Rupturita, devendo-se acrescentar ainda que ali nenhum operário ganha salário

superior ao mínimo e as férias só são pagas de dois em dois anos.

### Permanente perigo de vida para os operários

A Fábrica de Fogos Universal, cujos diretores são os srs. Nilo e Nery Rossi, não paga às suas operárias, o salário mínimo da região, que é de Cr\$ 3.500,00. Os salários dessas operárias variam de mil e quinhentos a dois mil e cem cruzeiros mensais. As operárias não têm as suas carteiras devidamente assinadas e muitas delas já com mais de 2 anos de Casa. A quota do IAPI é descontada dos operários mas o recolhimento não é feito porque os trabalhadores não estão legalizados, por interesse dos patrões que assim burlam o governo e os trabalhadores, ao mesmo tempo.

Nesta fábrica, como nas demais a que nos referimos, a vida dos operários está em permanente perigo. A estufa onde se esquentam as marmittas dos operários fica muito

próxima ao depósito de pólvora, o que põe em constante sobresalto aqueles trabalhadores.

### Os operários não estão conformados com essa situação

Os operários das três fábricas acima não estão conformados com esta situação. Eles têm conhecimento que existe uma legislação trabalhista que lhes assegura direitos. Por isso estão dispostos a fazer valer estes direitos, lutando de maneira organizada.

Nesta luta, o primeiro passo dado foi a sua filiação à Associação Profissional dos Trabalhadores na Indústria de Produtos Químicos, com sede em Niterói. Ali os trabalhadores, já discutiram sobre o problema de salário e já se decidiram a lutar por 70% de aumento com um mínimo de mil cruzeiros.

Medidas para reivindicar melhores condições de trabalho, segurança no trabalho, legalização no IAPI, pagamento de férias, etc., estão sendo estudadas



## PERNAMBUCO

### Vitoriosa a Greve dos Telegrafistas

RECIFE. (Do Correspondente) — Teve grande repercussão nos meios operários nesta capital, o desfecho da greve dos telegrafistas da «Western» e da «Italcable». Depois de 21 dias de greve, que se estendeu por todas as

capitais do norte e nordeste do país, saíram vitoriosos os telegrafistas. Foi assinado um acordo com os patrões que aumenta os salários numa percentagem que vai de 10 a 40 por cento e declara sem efeito as medidas punitivas contra os grevistas, com base no famigerado decreto 9.070. Como concessão para entendimento, os grevistas abriram mão do recebimento dos dias de greve.

Três importantes ensinamentos devemos tirar da vitória dos telegrafistas: primeiro, é que a sua vitória só foi possível devido a unidade existente entre os de sua categoria unidade que foi facilitada pela ação do seu Sindicato e pela elevação da consciência de classe dos telegrafistas. Segundo, é que somente lutando os trabalhadores podem alcançar melhores condições de vida e de trabalho, diminuindo assim, os efeitos da brutal e desumana exploração a que são submetidos. Terceiro, é que o decreto 9.070 pode ser derrotado pela ação decidida, organizada e unitária dos trabalhadores.



## Em Mato Grosso o Povo Ocupa Uma Subsidiária da Bond And Share

CAMPO GRANDE, (Correspondência especial) — Cerca de quinhentos populares, tendo à frente o prefeito municipal, sr. Marçilio de Oliveira Lima, vereadores e representantes de várias instituições locais, ocuparam as dependências da Cia. Mato-grossense de Eletricidade, destituíram sua direção, instituindo, para gerir a empresa, que é subsidiária do truste norte-americano Bond and Share, uma Junta Governativa.

CALAMIDADE PÚBLICA — Esse truste, seguindo aliás orientação que se observa em vários pontos do país, de norte a sul, vinha criando para Campo Grande uma situação de verdadeira calamidade pública. Estava o município seriamente ameaçado de ficar totalmente privado de serviços de luz e energia elétrica.

Eram vultosos, em face das deficiências já manifestadas pela CME, os prejuízos da indústria e do comércio. O descontentamento popular, vale dizer, de todas as vítimas desse tentáculo mato-grossense da Bond and Share, atingia ao auge.

### COMISSÃO DE ENCAMPAÇÃO

Foi quando se organizou uma Comissão de Encampação, apoiada por todas as autoridades e setores populares. A OCUPAÇÃO — A ocupação realizou-se às 7 horas da manhã. O gerente da empresa, sr. Milton Bueno, reultou em entregar a empresa, mas terminou por fazê-lo, «sob protesto».

JUNTA GOVERNATIVA — Foi nomeada uma junta governativa composta dos senhores Wilson Barbosa Martins,

Kerman José Machado e vereadores Diomedes Rosa Pires, Pedro Luiz Paulo Jorge Simões Corrêa. Com exceção do gerente, todos os funcionários foram mantidos em seus cargos.

### PASSEATA

Comemorando a vitória, o povo realizou uma passeata, pelas ruas de Campo Grande. Espera-se que o exemplo dessa cidade seja seguido em Corumbá e Aquidauana, onde os serviços elétricos também são péssimos.

MENSAGEM AO POVO — O prefeito Marçilio de Oliveira (Conclui na 9ª Página)

## VOZ OPERÁRIA

Diretor-Responsável

Mário Alves

MATRIZ:

Av. Rio Branco, 257, 17º and., s/ 1.712 - Tel. 42-7344

ASSINATURAS:

Anual ..... 100,00  
Semestral ..... 60,00  
Trimestral ..... 30,00  
Núm. avulso ..... 2,00  
Núm. atrasado ..... 3,00

Aérea ou sob registro, despesas à parte: Preço no R. G. Sul, Sta. Catarina, Paraná, Distrito Federal, São Paulo, E. Santo e Belo Horizonte ..... 2,00

Goias e interior de Amazonas e Territórios ..... 4,00  
Outros Estados ..... 3,00  
M. Gerais ..... 2,50

SUCURSAIS:

SÃO PAULO — Rua dos Estudantes n° 84 s/ 28, 2º and. — Tel. 37-4983.  
PORTO ALEGRE — Rua Voluntários da Pátria, n° 66, s/ 43.

RECIFE — Rua Floriano Peixoto n° 85 — 3º and. — s/ 326.

FORTALEZA — Rua Barão do Rio Branco, n° 1.248 — s/22 — Tel. 1-13-03.

SALVADOR — Rua Barão de Cotegipe, 67 — Edifício Zacarias, s/ 203 (Calçada).

JOAO PESSOA — Rua Duque de Caxias, 558 — 1º and. — Salas 3 e 4.



EM PALMITAL, Cidade paulista, o deputado Dagoberto Salles pronunciou uma conferência contra a entrega de Fernando de Noronha que reuniu patriotas e democratas de vários partidos e inúmeras personalidades locais

# Paralisação Total das Ferrovias Gaúchas

★ Carta de Reivindicações Enviada ao Governador do Estado ★ Ocupação Militar das Estações e Entroncamentos para Intimidar os Grevistas ★ Pedido de Intervenção Federal na Viação Férrea ★ A primeira Vitória dos Ferroviários gaúchos. ★ A Greve Continua Até a Conquista de Outras Reivindicações ★ Apelo à Solidariedade de Todos os Ferroviários do Brasil

Encontram-se em greve, desde o dia 28 do mês de junho findo, os ferroviários do Rio Grande do Sul. A greve é total, abrangendo cerca de 18.000 trabalhadores daquela corporação. Os ferroviários gaúchos recorreram à greve em virtude de vir sendo protelada pelas autoridades estaduais e federais a aprovação do Quadro do Pessoal, que significaria um alívio imediato às difíceis condições em que se encontram.

## OUTRAS REIVINDICAÇÕES

Se bem que fosse esta a reivindicação principal, os ferroviários ao deflagrarem a greve, elaboraram um programa de outras sentidas reivindicações, pelas quais vinham lutando há longo tempo.

Paralisados os trabalhos em toda a Viação Férrea, a Comissão de Greve enviou ao governador Ildo Meneghetti, uma mensagem na qual apresentam as seguintes exigências:

I — Aprovação e pagamento total, em folhas de julho próximo, do novo quadro a contar do mês de janeiro nas bases aprovadas pela classe e Conselho Diretor da Viação Férrea;

II — Manutenção do atual contrato de arrendamento da Viação Férrea e forma de administração;

III — Pagamentos de todas as dívidas do governo federal para com a Viação Férrea;

IV — Pagamento de atrasados aos aposentados;

V — Aplicação das promoções, efetivação de diáristas e contratados;

VI — Promoção de manuais, operários e demais ser-

vidores que estejam desempenhando funções superiores à sua classificação;

VII — Aplicação de vantagens da Lei de 6 e 8 horas ao pessoal de equipagens de trens, Guardas e Telegrafistas;

VIII — Solução no caso dos Maquinistas e demais servidores prejudicados pelas resoluções n. 80 e 131;

IX — Pagamento dos doze meses atrasados;

X — Apontamento dos dias de greve e não represália a qualquer servidor grevista.

## TENTATIVAS DE INTIMIDAÇÃO DOS FERROVIÁRIOS

Como resposta à mensagem dos ferroviários, o governo do sr. Meneghetti inicia uma campanha de intimidação, visando desbaratar o movimento grevista. Alegando falta de recursos financeiros para atender as reivindicações dos trabalhadores, o sr. Meneghetti pediu ao governo federal a imediata intervenção na Viação Férrea. Ao mesmo tempo, o governo do Rio Grande do Sul mandava ocupar por forças militares as estações e entroncamentos ferroviários.

Em sua mensagem ao sr. Juscelino Kubitschek, o governador gaúcho acusa os ferroviários de haver iniciado a greve sem um aviso prévio, esquecendo-se, no entanto, que a aprovação do Quadro do Pessoal vem se arrastando desde 1954, por indiferença dos governos em relação aos interesses dos ferroviários gaúchos.

## A GREVE CONTINUA

A realidade é que as intimidações do governo vêm caindo no vazio, graças à unidade do movimento e à coesão dos ferroviários.

Ao discutir a nota do governo, a Comissão Central de Greve fez publicar o seguinte:

«I — A greve prossegue em torno da Carta de Reivindicações, não obstante a ameaça de intervenção, ou mesmo em face da concretização desta;

II — Apelar para todos os senhores deputados, líderes de bancadas, no sentido de que não permitam: a) — intervenção federal da Viação Férrea do Rio Grande do Sul b) — incorporação da nossa ferrovia à RFFSA;

III — Apelar para a solidariedade efetiva de todos os ferroviários do Brasil e de todos os trabalhadores, bem como aos democratas em geral, em defesa dos princípios assegurados pela Constituição.

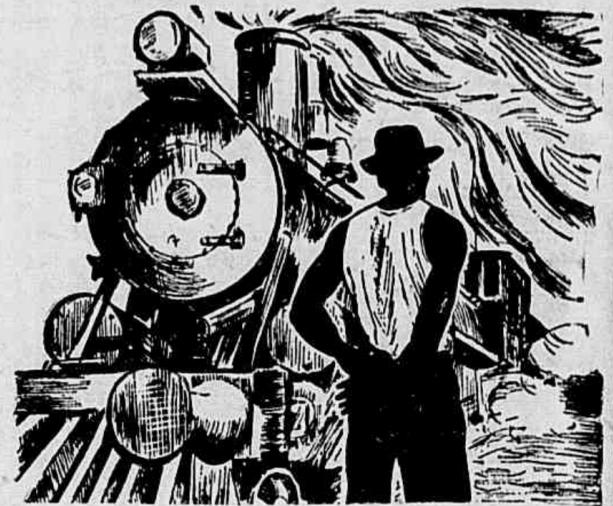
(a) — Ernesto Botelho, presidente da Comissão Central de Greve.

Após a divulgação desta nota, o movimento se solidificou ainda mais, não se tendo notícia de que um só trem tenha trafegado desde que foi deflagrada a greve.

## OS FERROVIÁRIOS CONQUISTARAM A PRIMEIRA VITÓRIA

Como resultado da ação unitária dos trabalhadores, o Ministro da Viação, sr. Lúcio Meira, assinou o Quadro do Pessoal. Esta foi uma importante vitória dos ferroviários gaúchos. Entretanto, o movimento grevista continua até a conquista das demais reivindicações constantes da mensagem enviada ao sr. Ildo Meneghetti, quando do início da greve. Nesse sentido, o comando da greve divulgou amplamente a nota oficial que damos abaixo:

«A Comissão de Greve dos Ferroviários dos Núcleos de Porto Alegre, Diretor Pestana, Riacho e Canoas, vêm alertar os ferroviários no sentido de que a pura e simples aprovação do Quadro do Pessoal, nada resolve, uma vez que não haja a ordem de pagamento para o mês de julho, inclusive dos 6 meses atrasados. A solução da greve depende do atendimento da «Carta de Reivindicações» apresen-



tada pela Comissão Central de greve, sediada em Santa Maria.

A volta dos ferroviários ao trabalho só se dará após resolução de outra Assembléia da classe, depois de ouvida a palavra final de Santa Maria.

## SOLIDARIEDADE AOS GREVISTAS

Na luta por seus direitos, os ferroviários gaúchos contam com a solidariedade da população do Estado sulino, que bem compreende as dificuldades por que vêm passando aqueles trabalhadores e suas famílias. As tentativas do sr. Meneghetti para incompatibilizar os grevistas com o povo gaúcho, sob a alegação de que os mesmos prejudicam o Estado, não encontram eco no seio da população. Se os ferroviários recorreram à greve foi porque outro meio não lhes restava para enfrentar o desprezo dos poderes públicos pelas suas reivindicações. Basta mencionar o atraso de salários durante meses, acar-

retando aos lares ferroviários a fome e o desespero.

Entre as personalidades que se solidarizaram com os grevistas está o Prefeito de Porto Alegre, sr. Leonel Brizola que, falando à imprensa gaúcha, estranhou a atitude tomada pelo sr. Ildo Meneghetti, que, até bem pouco tempo, defendia a tese da permanência da Viação Férrea do Rio Grande do Sul na órbita da administração estadual, e agora se volta contra as justas pretensões dos ferroviários e solicita do governo federal intervenção naquela ferrovia.

Por outro lado, a greve já repercutiu no Congresso Nacional, falando na Câmara Federal, o sr. Lino Braun, deputado pelo PTB gaúcho, afirmou que a greve dos ferroviários do seu Estado é justa e, em seguida, dirigiu um apelo ao Ministro da Fazenda para que seja paga pelo governo federal a Viação Férrea a quantia de 500 milhões de cruzeiros, a fim de que sejam atendidas as reivindicações dos trabalhadores.

## EM SANTA MARIA:

# A III Convenção Nacional

Tomada de Posição Frente a Várias Reivindicações dos Trabalhadores em Ferrovias — Ratificação de Decisões da II Convenção

De 17 a 20 de junho próximo passado, esteve reunida em Santa Maria, no Estado do Rio Grande do Sul, a III Convenção Nacional dos Ferroviários do Brasil. Como se recorda, esta Convenção foi convocada pela II Convenção Nacional realizada nesta capital, nos últimos dias de março do corrente ano. Para a sua realização esperava-se somente o pronunciamento do Congresso Nacional sobre o veto do Presidente da República ao projeto que criou a Rede Ferroviária Federal S.A.

Desprezando os interesses dos ferroviários, em maio próximo passado, o Congresso

Nacional, pela maioria governamental, aceitou o veto presidencial, o qual veio anular inúmeras conquistas sociais dos ferroviários.

Ante essa decisão do Congresso Nacional, foi realizada a III Convenção. Debatidas importantes questões, várias resoluções foram adotadas para o prosseguimento da luta dos ferroviários visando a manutenção e ampliação das suas conquistas e direitos.

Ao discutir a parte que trata da organização nacional dos ferroviários e das suas reivindicações gerais, a III Convenção tomou por unanimidade as seguintes resoluções:

1º — Sugerir a criação de um fundo de Custeio de Delegações destinado a conclaves nacionais de ferroviários, em cada Unidade; 2º — Telegrafar ao Diretor da Estrada de Ferro Da, Teresa Cristina, pleiteando o apontamento dos dias dos convencionais daquela Estrada; 3º — Firmar um Pacto de Unidade para estabelecer o sistema de consultas pelas entidades filiadas, sendo depositária do Pacto a Comissão Permanente de Defesa dos Direitos dos Ferroviários do Brasil; 4º — Solicitar ao Poder Executivo que tome as medidas necessárias à abertura e funcionamento das Car-

teiras Hipotecárias e Simples da CAFESP; 5º — Insistir junto ao Poder Executivo pela aprovação dos Quadros e Tabelas apresentadas face à Lei 2.412/56, bem como telegrafar ao sr. Ministro da Viação e Obras Públicas para que aprove imediatamente o Quadro do Pessoal da Viação Férrea do Rio Grande do Sul; 6º — Apresentar projeto de lei ao Congresso Nacional pela contagem em dobro como tempo de serviço efetivo, das férias não gozadas pelos servidores ferroviários no período da 2ª guerra mundial.

1º Seja criada uma Comissão Permanente de Defesa da Classe Ferroviária, composta de tantos membros quantos forem os representantes das diversas entidades de classe cada uma das quais indicará apenas um membro, cabendo a eles o direito de se fazerem representar por delegação especial ou procuração; 2º Fiquem conferidos amplos poderes a essa Comissão para que organize, em bases legais, a entidade máxima dos ferroviários nacionais, quando, então se extinguir essa mesma Comissão.

Os convencionais ainda tomaram resoluções sobre outras questões, como aposentadoria e Estatutos. Sobre a aposentadoria vão os ferroviários providenciar junto aos parlamentares o encaminhamento do projeto 1.580-B de 1952, no plenário do Senado. Este projeto determina para os ferroviários, aposentadoria aos 30 anos de serviço.

Ao mesmo tempo vão reivindicar junto aos deputados que seja apresentado um projeto de lei na Câmara Federal, concedendo aos foguistas, maquinistas, guarda-freios, chefes de trens de carga e trabalhadores em serviço insalubre, a aposentadoria aos 25 anos de serviço.

Com relação aos Estatutos, foram ratificadas as decisões da II Convenção Nacional.



Uma sessão plenária da III Convenção Nacional dos Ferroviários

## TODA SOLIDARIEDADE AOS FERROVIÁRIOS GAÚCHOS

NESTE momento, quando os ferroviários gaúchos estão empenhados numa dura luta grevista para fazer valer os seus direitos, para eles deve voltar-se todo o apoio e solidariedade da classe operária e de todos os trabalhadores do Brasil.

O movimento paredista dos ferroviários gaúchos não é apenas uma luta por reivindicações específicas da sua categoria, o que por si já merecia a ajuda e solidariedade de todos os trabalhadores. A sua luta tem um sentido muito mais amplo, de vez que, entre as suas reivindicações, está incluída também a exigência da não inclusão da Viação Férrea do Rio Grande do Sul na sociedade de economia mista, Rede Ferroviária Federal S/A.

Tomando essa posição, os ferroviários gaúchos, ao mesmo tempo que defendem seus direitos e conquistas prejudicados pela criação dessa sociedade, impedem também que mais uma empresa ferroviária, patrimônio do povo, venha a cair sob a influência dos trustes ianques, que tratarão de controlar a futura Sociedade Anônima através de empréstimos.

Se para os ferroviários em luta deve se voltar a solidariedade de todos os trabalhadores e patriotas em geral, uma solidariedade muito maior e mais ativa lhes devem dar os ferroviários de todo o país, pois, em última análise, são as reivindicações dos ferroviários brasileiros que estão sendo defendidas pelos bravos ferroviários do Rio Grande do Sul. Reivindicações que estão consubstanciadas nas resoluções das duas últimas Convenções realizadas no Distrito Federal e Santa Maria.

Este é o momento oportuno para que a família ferroviária dê mais uma demonstração da sua unidade e coesão e faça valer os seus direitos.